

ARTHUR AZEVEDO & MOREIRA SAMPAIO

# REVISTA-COMICA

DE

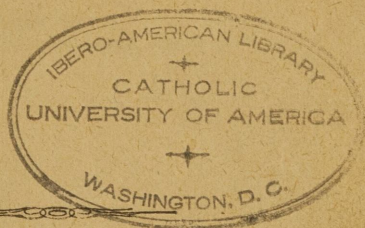
1883

Em um prologo e tres actos,  
divididos  
em onze quadros.

Representada  
pela primeira vez  
no Rio de Janeiro,  
no theatro Principe  
Imperial, em 9 de  
Janeiro de 1884.



# O MAMÃO AEREM



RIO DE JANEIRO  
AUGUSTO DOS SANTOS-EDITOR  
31 RUA DA CARIOCA 31

Direitos de representação e reimpressão reservados.

1884

6334.



*comprei 31-8-93.*

# O MANDARIM

## REVISTA-COMICA

Representada pela primeira vez  
no Rio de Janeiro, no theatro Principe Imperial, em 9 de  
Janeiro de 1883.

PQ  
9697  
.A95  
M3A  
1888



*Aos Srs.*

LUIZ BRAGA JUNIOR

DIRECTOR DO THEATRO PRINCIPE IMPERIAL

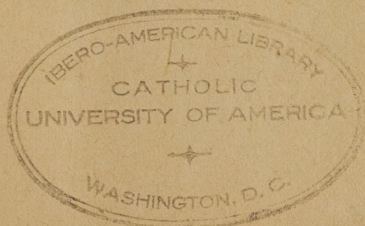
E

ADOLPHO A. DE FARIA

ENSAIADOR.

Offerece

**Os auctores.**







ARTHUR AZEVEDO & MOREIRA SAMPAIO

---



# MANDARIM

REVISTA COMICA DE 1883

Em 1 prologo e 3 actos, divididos em 11 quadros

Representada pela primeira vez no Rio de Janeiro, no theatro  
Principe Imperial, em 9 de Janeiro de 1884.



RIO DE JANEIRO

**AUGUSTO DOS SANTOS — EDITOR**

31 RUA DA CARIOCA 31

Direitos de representação e reimpressão reservados.

—  
1884

# PERSONAGENS

OLYMPIA.....	DD. ELVIRA RICHARD.
PEKY, A POLITICA.....	CLELIA.
A ARTE, A FILHA DO INFERNO, A FOLHA NOVA, A CAMARA TRANSACTA.....	IGNEZ.
A FEBRE-AMARELLA, A GAZETA [DE NOTICIAS, UMA DAMA.....	CANDELARIA.
D. JUANITA, LE MESSAGER DU BRÉSIL.....	BLANCHE.
A MOFINA, LA VOCE DEL POLPOLO.....	ROZALIA.
A LOTERIA, A GAZETA DA TARDE.....	ESTHER.
O MANDARIM TCHIN-TCHAN-FÓ.....	SRS. MARTINS.
O BARÃO DE CAYAPÓ.....	BAHIA.
LYRIO, LOHENGRIN.....	DOMENIQUE.
O BACHAREL, HERMANN, UM EMBUÇADO, KELLER, O CRUZEIRO.....	PEIXOTO.
O POETA LYRICO, UM POSITIVISTA, UMA VICTIMA DO DECRETO CONTRA AS ACCUMULAÇÕES, SILVA BASTOS, DR. FORTUNA, UM MESTRE-ESCOLA.....	COLÁS.
MOTTINI, O HOMEM DO KIOSQUE, FERRI....	POZZI.
JAP-OF-JAPS, UM VADIO, UM PAE DE FAMILIA, UM EMPREGADO DA CAMARA, THE RIO NEWS.....	SILVA.
O BOND, BOSCO, DR. COPACABANA, UM AMADOR, O JORNAL DO COMMERCIO.....	GERMANO.
O CACETE, UM CRIADO, UM CABEÇA DE GREVE, UM DILETANTE, DEUSTCHE ZEITUNG	LOURO.
O AGIOTA, PATRIZIO, O HOMEM DO FORNO, O APOSTOLO, 2.º INDIVIDUO.....	MESQUITA.
O TESTA DE FERRO, UM SOLDADO, 1.º INDIVIDUO, O DIARIO OFFICIAL.....	REIS.
UM TELEGRAPHISTA, 1.º INDIVIDUO.....	GASPAR.
A REVISTA ILLUSTRADA.....	RAMOS.
O CAPOEIRA.....	ESTEVEAM.
A ESCRAVIDÃO, A COCOTTE, O JOGO, A SUBSCRIPÇÃO, O SECRETA, O JOGADOR DA TRANCINHA, O KIOSQUE, O COMMENDADOR, O MENDIGO, O VAGABUNDO, O MUSICO AMBULANTE, O CORTIÇO, O AMA DE LEITE, O ENGRAIXATE.....	N. N.
Microbios, Males, Povo, Tropa, Urbanos, Brasileiros, Portuguezes, Fran- cezes, Inglezes, Burros magros. Vendedores de balas. Jornaes e Revistas, etc.	

Musica compilada, composta e instrumentada pelo  
Sr. J. Simões Junior, regente da orchestra.

Ensaaiador, o Sr. Adolpho de Faria.

Scenographos, os Srs. André Cabouffigue, Huascar de Vergara  
e Frederico de Barros.

N. B. - Nesta edição não se fizeram as alterações exigidas no  
manuscripto original pela Policia e pelas conveniencias de scena.

6334.



# PROLOGO

---

## QUADRO PRIMEIRO

---

### SCENA PRIMEIRA

O BACHAREL, *no proscenio, antes de subir o panno.*

Minhas senhoras, senhores,  
Deixae que vos comprimente  
E vos diga promptamente,  
Sem proloquios massadores,  
Quem sou, e qual o papel  
Que represento. Lá vae :  
Sou bacharel, e meu pae  
Era tambem bacharel,  
Mas bacharel pé-de-boi;  
E' bacharel meu irmão,  
Meus primos bachareis são,  
Meu tio bacharel foi.  
Minha propria mãe, si bem  
Que fosse pouco lettrada,  
Por ser tão bacharelada,  
Bacharelava tambem.  
Agora que já sabeis  
Que sou bacharel formado,  
E o typo mais acabado  
De todos os bachareis,  
Convem que tambem saibaes  
Qual a minha profissão :  
Dos *Males* na habitação  
Porteiro sou, nada mais...  
E' baixo o emprego. Que importa ?  
Não achei outro melhor.  
Sou dos males o menor ;  
Por isso fui para a porta.  
Tendo, como um vagabundo,  
A varias portas batido,  
Hei, afinal, resolvido  
Abrir as portas ao mundo.  
Sou eu que digo á patróa :  
« 'Stá lá fóra *seu* fulano !  
*Seu* Beltrano ! *seu* Sicrano !

Seu barão ! sora baroa ! »  
 Mais já vae longo o monologo ;  
 Já basta de amollação...

Ides ver a *Habitação*  
*Dos Males* ! Começa o prologo...

(*Ao regente da orchestra.*)

Atenção, meu caro artista !  
 Recommendo-lhe bravura  
 Para o côro de abertura  
 Que dá principio á revista. (*Sobe o panno.*)

(*O theatro representa um sitio agreste. Os Males, presididos pela Politica, que se acra n'uma especie de throno, enchem os dous lados da scena.*)

## SCENA II

OLYMPIA, a POLITICA, o BOND, a LOTERIA, a MOFINA,  
 o TESTA DE FERRO, o POETA LYRICO, o AGIOTA,  
 o CACETE, o CAPOEIRA, o SECRETA, o MENDIGO, a  
 SUBSCRIPÇÃO, o CORTIÇO, o ENGRAIXATE, o VEN-  
 DEDOR DE BALAS, o KIOSQUE, o MU-ICO AMBU-  
 LANTE, o VAGABUNDO, o JOGO, o COMMENDADOR,  
 a ESCRAVIDÃO, a AMA DE LEITE, o BACHAREL, que  
 sae depois de cantado o côro.

### CORO.

Aqui estão  
 Todos os Males em sessão !  
 A nossa presidente vae  
 Dizer porque hoje nos attrahe.

Aqui estão  
 Os Males em profuzão !

**Politica.** — Males e malas, eu, a Politica, a primeira e a mais velha d'entre vós, a calamidade absoluta, diante da qual todos vós deveis curvar a cabeça, convoquei a presente assembléa para o fim de procedermos á solemne recepção de um illustre estrangeiro, que deseja travar conhecimento connosco, e nos será apresentado pelo inclyto e benemerito barão de Cayapó.

**Poeta lyrico.** — Com licença... (*Com lyrismo.*)

A brisa queixoza  
 Que passa veloz  
 O hospede illustre  
 Conduza até nós !

**Politica.** — Está calado, Poeta-lyrico ! Ignoro por emquanto os motivos que trazem a estas plagas esse estrangeiro, nem que especie de homem seja. Entretanto, convem que desde logo lhe façamos sentir a nossa força !

**Vozes.** — Muito bem ! Apoiado !



**Politica.**— Tu, Cocotte, trata de sugar-lhe o sangue que lhe corre nas algibeiras.

**Olympia.**— Ociosa recommendação.

**Politica.**— Tu, Bond, encarrega-te de esmagar-lhe uma perna na primeira oportunidade.

**Bond.**— As duas, si for preciso.

**Politica.**— Basta uma. Tu, Mofina, esmaga-lhe por tua vez a reputação, que é uma perna social!

**Mofina.**— Póde contar que é um homem desacreditado. Vou encomendar um artigo ao *Justus*.

**Politica.**— Talvez seja melhor o *Argos* ou a *Sentinella*.

**Bond.**— E a responsabilidade?

**Testa de ferro.**— Não estou eu aqui?

**Politica.**— Tens razão, Testa-de-ferro, generoso amigo. (*Aperta-lhe a mão.*) Tu, ó Cacete, sê desapiedado, sê Lohengrin!

**Cacete.**— Lohengrin? Ah! a proposito de Lohengrin.... Quero contar-lhes uma historia... (*Murmuram.*) Em 1866... (*Interrompendo-se.*) Como é um tanto longa, peço-lhes que se sentem... Ah! não querem? Pois bem... lá vae:—Em 1866...

**Politica.** *interrompendo-o.*—Não! poupa-nos, ao menos por espirito de classe. Reserva essa historia para o estrangeiro!

**Todos.**—Apoiado!

**Politica.**—Capoeira!

**Capoeira.**—Livra!

**Politica.**—Mimoseia-o com a melhor das tuas rasteiras! Loteria, dá as mãos á Cocotte, e depenna-o!

**Loteria.**—E si elle não tiver dinheiro?

**Agiota.**—Para que sirvo eu?

**Politica.**—Esqueciam-te, Agiota. Tu lh'ò emprestarás a 6 % ao mez.

**Agiota.**—Upa! A 10% e com garantia! E si fôr filho-familia, não m'ò apanhará por menos de 20!

**Politica.**—Bravo! Vejo que tens consciencia!

**Bacharel,** *voltando, á Politica.*—Minha senhora....

### CANTO.

**Politica.**

Oié

Quem é?

**Bacharel.**

E' o senhor barão de Cayapó;  
Comsigo traz o senhor Tchín-Tchan-Fó.

**Politica.**

Manda-os entrar.

(O Bacharel inclina-se e sae; volta depois com o Mandarin Tchín-Tchan-Fó e o barão de Cayapó.)

**Politica.**

Toda attenção,  
Que os visitantes  
Importantes  
São!

**SCENA III**

Os MESMOS, o MANDARIM, o BARÃO.

**Côro.**

Oh, que caras esquisitas!  
Que esquipaticas visitas!  
Que bons typos ambos são,  
Tanto o chinez como o barão!

**Olympia.**

Senhor barão de Cayapó?

**Barão.**

Que quer, madama?

**Olympia**, apontando para o Mandarin.

Este senhor como se chama?

**Mandarin.**

Meu nome é Tchín-Tchan-Fó!

**Côro.**

E' Tchín-Tchan-Fó!

**Mandarin.**

Eu sou da China!

**Côro.**

Elle é da China!

**Barão.**

Este paiz vem visitar  
E quer p'ra cá trazer a China!

**Olympia**, aparte.

Endinheirado deve estar...

**Mandarin.**

Inda uma vez saiba a menina:  
Sou Tchín-Tchan-Fó,



Homem de paz,  
Que o Cayapó  
Comsigo traz.

**Côro.**

E' Tchín-Tchan-Fó,  
Homem de paz,  
Que o Cayapó  
Comsigo traz.

**Todos,** *rodeando o Mandarin e cumprimentando-o.*

Um tal senhor, não ha negar,  
Prazer nos dá cumprimentar.

**Mandarin.**

Obrigado !

**Olympia,** *baixo ao Mandarin, suspirando.*

Tchin-Tchan-Fó !

**Mandarin,** *apertando-lhe a mão disfarçadamente.*

(*Aparte.*) E' pena que não esteja só !  
Oh, que peixão ! não lhe resisto !  
Minha mulher si souber disto !

**Politica,** *ao Mandarin.*

Emfim, quem é? Não nos dirá?  
Que vem fazer?  
Saber  
Pretendo,  
Fique sabendo !

**Mandarin.**

Dizer-vos quem eu sou  
Vou  
Já.

**Politica.**

Vá  
Lá !

**Mandarin.**

Eu vou  
Quem sou  
Dizer emfim :  
Sou mandarin,  
Mandarin de primeira classe ;  
Venho negocios arranjar,  
E hei de evitar  
Que a perna aqui alguem me passe !

## I

Tem-se dito  
Muitas vezes  
Que os chinezes  
Tantos são,  
Que na China  
Já não cabem,  
E não sabem  
P'onde vão !

Ao Brazil tudo os impelle,  
Mas é perspicaz o chim :  
Si esta terra é digna delle,  
Verificar eu vim.  
Em todo logarejo  
Deste enorme paiz  
Sollicito desejo  
Metter o meu nariz !  
Do sul ao norte...

**Côro.**

Do sul ao norte...

**Mandarim.**

Ninguem se importe...

**Côro.**

Ninguem se importe...

**Mandarim.**

Com que eu metta o meu nariz !  
Quem sou já disse emfim :  
Sou mandarim,  
Mandarim de primeira classe !

**Côro.**

Quem elle é já disse emfim :  
E' mandarim,  
Mandarim de primeira classe, etc.

**Mandarim.**

## II

Macahubas,  
Paquetá,  
Chapeu d'Uvas,  
E Tinguá ;  
Guarapuava,  
Cãmamú,  
Caçapava,  
Macacú,  
Corityba,  
Macahé,



Guaratiba,  
Taubaté,  
Porto Novo, Maricá,  
E Guaratinguetá...  
Em todo logarejo  
Etc. Etc.

**Barão, á Política.**— Minha senhora, tendo eu ultimamente emprehendido uma viagem a Londres, afim de levantar capitaes para a exploração dos rios Cayapó, Maranhão e seus affluentes, e confluentes, encontrei naquella cidade, na Regent-street, isto é, na rua do Regente, quasi a chegar á do Sabão (Soap-street), o illustre mandarim Tchín-Tchan-Fó. Tenho a honra de apresental-o a V. Ex.

**Política.**—Sr. Mandarim, folgo muito de o conhecer...

**Mandarim.**—Egualmente, minha senhora!

**Barão.**—Este distincto filho do imperio do Meio vem verificar si este paiz é digno de receber em seu seio os filhos do sol.

**Olympia.**—E netos da lua?

**Barão.**—Não sei; nada percebo dessa consanguinidade astronomica. (*Á Política.*) Como é logico, pois que se trata da introdução de mais um mal, o primeiro desejo do Sr. Mandarim foi travar conhecimento comvosco, os Males officiaes, reconhecidos...

**Todos.**—Muito bem! Muito bem!...

**Bacharel, a Olympia.**— Você diz-me uma coisa? Que vem a ser Mandarim?

**Olympia.**—Mandarim é... é... Ora que ha de ser sempre o Bacharel quem faça perguntas destas!

**Mandarim.**—Quando mesmo este senhor não fosse bacharel, não seria para admirar ignorasse que coisa é Mandarim. Eu vos digo: Mandarim, cuja traducção portugueza é mandachuva, é uma influencia politica de qualquer districto chinez; dispõe da vontade e das opiniões de seus conterraneos. Da Mongolia ás ilhas de Hong-Kong, de Pekim ás montanhas Thian-chan, a China está cheia de Mandarins! Quando um cidadão tem probabilidade de arranjar dez votos para a eleição de um deputado, o ministro de justiça fal-o mandarim de 3ª classe. Si o cidadão pôde arranjar, em vez de dez, cincoenta votos, é nomeado mandarim de 2ª classe. Si assegura a votação inteira, sem receio de segundo escrutinio, fazem-o mandarim de 1ª classe!

**Bacharel.**—Nesse caso, V. S. é uma especie de coronel da guarda nacional?

**Política.**—Oh! a guarda nacional! A minha mais poderosa arma!

**Mandarim, admirado.**— A sua mais poderosa arma! Oh! quem é então esta senhora?!

**Politica.**—Pois não sabe?

**Mandarim, ao Barão.**— O Barão commetteu a imperdoavel inadvertencia de não m'a apresentar.

**Barão.**—Tem razão, desculpe. Esta senhora é a Politica.

**Mandarim.**—Oh! oh!

**Barão.**—A directora, a presidente, a chefe, o mandarim, finalmente, deste congresso de Males. Esta senhora é o fio conductor de todas as calamidades publicas.

**Politica.**—Mesmo de algumas particulares... Sou o mediador plastico entre a escravidão e a casa de commissão; entre o capoeira e o vagabundo; entre o bacharel e o commendador; entre a loteria e a casa de jogo; entre o aluguel de amas de leite e o aluguel de cocottes; entre o mendigo e a subscripção; entre a moína e o testa de ferro; entre o vendedor de balas e o comprador de votos; entre a molestia e o cortiço; entre...

**Mandarim, interrompendo-a.**— Ta! ta! ta! Não é mediador plastico: é elastico! São estes os seus proselytos?

**Politica.**— Sim, Sr... Vou apresental-os. Ponham-se em linha! Firme! Marche! (*A orchestra executa uma marcha, ao som da qual os Males desfilam, á proporção que a Politica os menciona.*)

A Escravidão! a pavorosa mancha!  
Provocante Cocotte sem pudor...  
A Subscripção lá passa toda ancha.  
Da trancinha lá passa o Jogador.  
O Agiota lá vae que, sem consciencia,  
Dinheiro empresta a dez por cento ao mez.  
Lá segue a Loteria, essa indecencia,  
E o Jogo, um filho que o demonio fez!  
Eis o Kiosque. A policia pondo em talas,  
Serve aos malandros para *rendez-vous*.  
Lá passa o esperto Vendedor de balas  
De ovo, althéa, hortelan, parto e cajú.  
Lá vae o Bond, o matador horrivel,  
Das pernas dos transeuntes o terror!  
A Moína lá vae, negra, irascivel!  
Lá passa um typo de Commendador!  
O Mendigo! O Cacete! O Vagabundo!  
O Musico ambulante dos cafés...  
O Engraixate... O Cortiço nauseabundo...  
O Capoeira que as armas tem nos pés.  
O Poeta lyrico...



**Poeta lyrico, passando.**

A maviosa endeixa  
Que eu desprendo da flor dos labios meus,  
Murmura branda e suave, como a queixa  
Que o terno sabiá dirige a Deus!

**Politica.**

Eis o Secreta, que não é secreto,  
O grande agente da policia a pau ;  
E' dos rolos amigo predilecto,  
E o branco paraty não acha mau.  
Lá vae a Ama de leite, a desgraçada  
Cujo sangue é vendido a quem mais der ;  
A abandonar o filho foi forçada,  
Porque não pôde a escrava ser mulher...

**Bacharel.**— Que bom ! Escapei !

**Mandarim.**— Pois senhores, já é ! Tanta calamidade junta nem na China !

**Politica.**— Ainda não vio todas !

**Mandarim.**— Pois mais ?

**Politica.**— Faltam aqui muitas. Não fallando no Guarda-fiscal, no Amador de sociedades particulares, nos Leilões perpetuos, no Curso de dança com damas, nas Edições portuguezas por fasciculos, nas Conferencias, nos Concertos classicos, na Imprensa pornographica, e outras que me não occorrem, ainda não vio V. S. a mais importante, depois de mim, já se sabe....

**Mandarim.**— E é...?

**Febre Amarella, entrando inopinadamente, acompanhada pelos Microbios.**— Eu !...

**SCENA IV**

OS MESMOS, FEBRE AMARELLA e MICROBIOS.

**Mandarim.**— Quem é esta figurona ?

**Todos.**— A Febre Amarella !

**Mandarim, fugindo para a extrema esquerda.**— Ai !...  
(*Tremulo, de longe.*) Tenho muito desprazer em conhecê-la. Estimarei que nunca estreitemos relações.

**Politica, ao Barão, que tem fugido para a extrema direita.**— Pois o Barão também foge ?

**Barão.**— Nada, que eu chego de Londres !

**Mandarim.**— Então aquella senhora ataca de preferencia os recém-chegados ?

**Olympia.**—Ataca de preferencia os estrangeiros e pou-  
pa os nacionaes.

**Mandarim.**—Ah! sim? Em ultimo caso, naturaliso-me!

**COPLAS.**

**Febre Amarella.**

I

Eis a Febre Amarella,  
A febre nacional,  
Que sem ser bella,  
Não tem rival!  
E' caso extraordinario:  
Eu nunca causo horror  
Ao boticario  
Nem ao doutor!  
Não venho só!

**Microbios.**

Não!

**Febre Amarella.**

Pois os micró....

**Microbios.**

Pois os micró....

**Febre Amarella.**

Os microbios aqui estão!

**Todos.**

Os microbios aqui estão!

**Febre Amarella.**

II

Mas, sendo democrata,  
Republicana até,  
No Rio da Prata  
Não ponho o pé.  
Si eu appareço apenas,  
Surgem logo por lá  
Mil *cuarentenas*  
*De sanidad.*  
Não venho só!  
Etc. Etc.

**Mandarim, approximando-se, receioso.**—Então...estes  
pequenos...?

**Febre Amarella.**—São a minha guarda de honra: os  
microbios!



**Mandarim.**— Pois, minha senhora, hade ceder-me um... Quero cultural-o, para inoculal-o no meu braço. Deixem lá fallar o Dr. Zero.

**Olympia,** *dando-lhe um cartão.*— Aqui tem o meu *adresse...*

**Mandarim,** *recebendo-o.*— Obrigado. Mal por mal, antes você. (*Lendo.*) Rua de S. Francisco de Assis, n...

**Olympia.**— É a antiga da Carioca.

**Mandarim.**— Irei á sua casa ; mas tenho o desgosto de prevenil-a que sou casado.

**Olympia.**— Casado !

**Mandarim.**— Ha muito tempo, e com uma china de cabellino na venta !

**Olympia.**— E sua senhora ?

**Mandarim.**— Deixei-a no hotel... Quero a todo transe evitar desgostal-a...

**Olympia.**— Ah ! certamente... A harmonia do lar é a base...

**Mandarim,** *atalhando.*— Não é por isso : é que, si minha mulher se zanga, é preciso depois fazer as pazes... e é o diabo !

**Olympia.**— Deixe estar que tudo se arranjará... Vá... vá.

**Mandarim.**— Mesmo casado ?

**Olympia.**— Ora ! Bem se vê que não conhece os nossos usos e costumes.

**Mandarim.**— Ah ! si é costume da terra... (*Apertando-lhe a mão.*) Até amanha !

**Mofina,** *aparte.*— Vou escrever um artigo.

**Mandarim,** *á Politica.*— Minha senhora, a companhia é muito agradável ; mas eu peço licença para pôr-me ao fresco.

**Politica.**— Antes de se retirar, Sr. Mandarim, rogo-lhe que tome parte no galope com que costumamos a despedir nossas visitas.

**Mandarim.**— Pois não, minha senhora !

**Politica.**— Dansemos !

**Todos.**— Dansemos !

*Danzam todos um galope, e cae o panno.*

---





# ACTO PRIMEIRO

---

## QUADRO SEGUNDO

Sala em casa de Olympia.

---

### SCENA PRIMEIRA

OLYMPIA, sentada ; LYRIO, a seus pés.

**Lyrio.** — Amo-te ! Adoro-te !

**Olympia.** — Já me tens dito isso mesmo um milhão de vezes.

**Lyrio.** — E não cansarei de repetir-t'ó.

**Olympia.** — Repéte-l-o, mas não o podes provar !

**Lyrio.** — Como não o posso provar ?

**Olympia.** — Pois não ! A maior prova de amor que um cavalheiro pôde dar a uma dama é...

**Lyrio.** — E' o proprio amor !

**Olympia.** — Enganas-te: é o dinheiro ! (*Lyrio ergue-se indignado. Erguendo-se.*) Amor sem dinheiro é o mesmo que reservatorio sem agua !

**Lyrio.** — És muito positiva !

**Olympia.** — Ah ! meu amigo, os tempos andam bicudos. Ultimamente tenho andado muito caipora... e si não fosse aquelle empregado do Banco...

**Lyrio.** — Que por tua causa fugio !

**Olympia.** — Si não fosse elle...

**Lyrio.** — És desapiedada !

**Olympia.** — Estou no meu papel. Tu é que és muito exigente. Bem sabes que te estimo tanto como no tempo de tua abastança, em que me propuzeste ser meu legitimo esposo. Hoje, que não tens chelpa, contenta-te com as horas vagas, e consola-te com a idéa de que nesta terra são muito communs os individuos que se alimentam com os sobejos dos grandes banquetes do amor. Mas isto de pretenderes as mesmas regalias que gosam aquelles que podem abrir os cordeis á bolsa, é tão absurdo como si quizessees ligar o vinagre... com o azeite.

**Lyrio.** — Sim, reconheço tudo isso ; mas que queres tu ?  
Amo-te, e o amor não cura de philosophias.

**DUETTO****Lyrio.**

Mulher, como te adoro !  
Porque tanto rigor ?  
Por ti suspiro e choro,  
Morro por ti de amor !  
Sê piedosa,  
Carinhosa,  
Tem compaixão de mim ;  
Não sejas desdenhosa,  
Meu bello cherubim !

**Lyrio.**

Amor eu te imploro,  
O' meu coração !  
Vê bem, vê que choro !  
Vê tu que afflicção !

**Olympia.**

Amor tu me imploras,  
Mas que amollação !  
Pois si te demoras  
Perco um dinheirão !

**Lyrio.**

De mim tem dó, tem dó !  
Teu desdem me maltrata !  
Eu sou teu só, teu só !  
O teu rigor me mata !

**Olympia.**

Tu já estás massador !

**Lyrio.**

O meu peito consola !

**Olympia.**

Tanto amor  
Já me amolla !

**Lyrio.**

Amor eu te imploro, etc.

**Olympia.**

Amor tu me imploras, etc.

**Olympia.** — Queres que te diga tudo com franqueza ?

**Lyrio.** — Dize !

**Olympia.** — Pois bem ; espero uma pessoa.

**Lyrio.** — Quem ?

**Olympia.** — Um mandarim !

**Lyrio.** — Um mandarim ? !

**Olympia.** — Um mandarim de primeira classe !

**Lyrio.** — Um mamdarim authentico ?

**Olympia.** — Duvidas ?



**Lyrio.**— Pois tu vaes ter negociações com a China ?

**Olympia.**— Parece !

**Lyrio.**— E agradam-te os chinezes ?

**Olympia.**— Muito.

**Lyrio.**— Nesse caso, vou confiar-te um segredo...

**Olympia.**— Agora não : depois !

**Lyrio.**— Ha de ser já : eu sou tambem chinez !

**Olympia.**— Tu ? um parisiense !

**Lyrio.**— Isso é o que suppões... Em 1863...

**Olympia.**— Não ! Pelo amor de Deus ! Depois... depois  
(*Empurra-o para a porta.*)

**Lyrio.**— Decididamente mandas-me embora ?

**Olympia.**— Sim ! Sim ! Deixa-me ! (*Leva-o até a porta.*)

**Lyrio.** *que tem desaparecido, voltando e fazendo um comentário ironico.*— Salam Aleck !

**Olympia.**— Adeus, minhas encommendas ! (*Lyrio desaparece.*)

**Lyrio, voltando.**— Camalô ! (*Sae vivamente.*)

## SCENA II

OLYMPIA, só.

São todos assim... nem dão, nem deixam que os outros dêem ! Este então... canta uns duettos tão compridos ! — Façamo-nos bella, para receber o chim ! (*Sae.*)

## SCENA III

o BARÃO, o MANDARIM

**Barão, entrando só.**— Porta aberta, o justo pecca. (*Para dentro.*) Entre, senhor Mandarim !

**Mandarim.**— Não está !

**Barão.**— Provalvemente está lá dentro.

**Mandarim.**— Chamemol-a !

**Barão.**— Valeu, e ha de ser por solfa !

**Mandarim.**— Tem razão... Ao som da serenata do *Boccacio*, que está na moda...

**Barão.**— Vá lá ! Eu primeiro !

## SERENATA

## I

O' senhora,  
Sem demora,  
Por favor venha cá para a sala ;  
Que um amante  
Delirante  
Tem desejos de comprimental-a !  
Eis o chim !  
Tiro li lô lim !  
Eil-o emfim !  
Tiro li lô lim !  
Venha ver o senhor mandarim !  
**Mandarim.**— Agora eu !

## II

O' madama  
Que uma chamma  
No meu peito ateiou repentina,  
Eu desejo  
Dar-lhe ensejo  
De fazer um negocio da China !  
Tchin-Tchan-Fô  
Tiro li lô lô !  
Não vem só  
Tiro li lô lô !  
Traz consigo o senhor Cayapó !  
**Ambos.**— Agora os dous !

## III

Quem espera  
Desespera  
Diz um velho, bem velho ditado ;  
Nesta sala  
Chegue á falla,  
Venha ver um chinez namorado !  
Venha já !  
Tiro li lô lá !  
Venha cá !  
Tiro li lô lá !  
Do contrario nós dous vamos lá !

## SCENA IV

OS MESMOS, OLYMPIA.

**Olympia.**— Os dous ? E' muito ! Ainda um...

**Mandarim.**— O' bella das bellas ! (*Beija-lhe a mão direita.*)



**Barão.**— Formosa das formozas! (*Beija-lhe a mão esquerda.*)

**Olympia.**— Cautela, barão; eu também exploro minas.

**Barão.**— Ah! é uma collega...

**Olympia.**— Com uma differença: o barão explora minas de ouro por cunhar; eu exploro-as de ouro cunhado.

**Barão.**— O ouro *cunhado*, apesar de *irmão* do ouro não cunhado, pode-se dizer que é o *pae* do ouro, por ser o melhor. —Veja que *primo* no *calembourg*! (*Vae ao fundo.*)

**Mandarim, risonho.**— Tenho a observar-lhe que não sou mina...

**Olympia.**—Eu sei perfeitamente que V. Ex. é chim.

**Mandarim, dando-lhe um estojo.**—Entretanto, aqui está o meu primeiro bracelete.

**Olympia, abrindo-o.**—Que lindo! (*Fechando-o e guardando-o na algibeira.*) Espero que não seja o ultimo.

## SCENA V

OS MESMOS, UM CRIADO.

**Criado.**—Estão lá fóra cinco cavalheiros que procuram por esta senhora... que viram entrar. (*Aponta para o Mandarim.*)

**Mandarim.**—Por mim! Mas eu não sou senhora!

**Barão, descendo.**—Tem graça! Já ainda ha pouco, alli na rua, tomaram o senhor Mandarim por Madame Rudocher!

**Olympia, ao criado.**—Imbecil! Não vês que este senhor não é uma senhora? Faze entrar os cavalheiros. (*O criado sae.*)

**Mandarim.**—Não posso ir a qualquer parte, sem ser acompanhado por toda a gente. Decididamente passo a vestir-me como os barbaros da terra!

**O Criado, entra e annuncia.**—Os senhores Hermann, Bosco, Jap of-Japs, Mottini e Conde de Castiglione! (*Os designados entram ruidosamente. O criado sae.*)

## SCENA VI

OLYMPIA, o BARÃO, o MANDARIM, HERMANN, BOSCO, JAP-OF-JAPS, MOTTINI, o CONDE PATRIZIO.

### CANTO

Os recém-chegados.

Prestidigitadores

Cá estão cinco e não mais!

Nenhum destes senhores

Tem no mundo rivaes!

**Hermann.**

Eis o Hermann convosco !

**Conde.**

O Patrizio aqui têm !

**Mottini.**

Eis Mottini !

**Bosco.**

Eis o Bosco !

**Jap-of-Japs.**

Jap-of-japs tambem !

**Todos.**

Profissão aqui  
Mais rendosa, olá :  
Que ha de prestidi-  
Gitador não ha !  
Pois com rapidez  
Sae commendador  
O que fôr bom pres-  
Tidigitador !

(Cada um mostra um lenço.)

Este lenço facilmente  
Faço desaparecer !  
Um ! dous ! tres ! Podem ver !  
Um ! dous ! tres ! Podem ver !  
Fil-o desaparecer !

(Fazem o que dizem.)

Não fazemos nada novo ;  
Tudo é velho como a Sé ;  
Mas, condescendente, o povo  
Grita logo que nos vê :

Vem cá, olé !

Matarileré !

Vem cá, olá !

Matarilerá !

Profissão aqui etc.

(Dansam uns com os outros no fim do canto.)

**Hermann.**—Senhor Mandarim, eu dou um espectáculo hoje !

**Bosco.**—E eu amanha.

**Os outros tres.**—E nós depois d'amanhan.

**Hermann.**—Eu queria...

**Bosco.**—Eu quizera...



**Os outros tres.**—Nós desejavamos...

**Todos.**—Que V. Ex. assistisse!

**Hermann.**—O senhor Mandarin deseja que lhe dê uma amostra do meu talento? Vou fazer uma sorte que tem causado assombro em todas as partes do mundo, e por causa da qual fui condecorado um sem numero de vezes!

**Mandarim.**—Vamos lá ver isso! (*Ao Barão e a Olympia.*) Sentemo-nos (*Os tres sentam-se.*)

**Hermann,** *arregaçando as mangas.*—Tem a bondade de me emprestar o seu lenço?

**Mandarim.**—Nós na China não usamos lenço. Serve-lhe a minha ventarola?

**Barão.**—Aqui tem o meu. (*Tira um lenço muito sujó.*)

**Hermann.**—Si houvesse por ahi um lenço mais limpo...

**Olympia.**—Cá está. (*Dá-lhe o seu lenço.*)

**Hermann.**—Muito obrigado. (*Dando-se ares.*) Vou fazer a grande, a incomparavel sorte dos nós! (*Dá um nó no lenço.*) Faz favor de apertar bem este nó, minha senhora? Está bem apertado?

**Olympia.**—Sim, senhor.

**Hermann.**—Bem! (*Cobrindo o nó, e descobrindo-o depois completamente desmanchado.*) Onde está o nó?

**Mandarim, Barão, Olympia.**—Bonito!

**Bosco,** *que tem se mostrado nervoso durante a sorte, arrancando o lenço a Hermann.*—Não ha criança que não saiba fazer esta sorte, senhor Mandarin! Vou ensinal-a... O nó é dado assim...

**Patrizio,** *tomando-lhe o lenço.*—Assim...

**Mottini,** *com o mesmo jogo de scena.*—Assim... (*Dá um nó no lenço.*)

**Jap-of-Japs,** *tomando o lenço a Mottini.*—Assim. E' um nó falso! (*Mostrando.*) Desmancha-se por si.

**Hermann.**—Que deslealdade! que falta de espirito de classe!

**Mandarim.**—Bem! para desagrar-se, faça o senhor outra sorte, que elles ignorem...

**Hermann.**—Tem razão (*A Japs-of-Japs.*) Faz favor de me dar o lenço? (*Japs-of-Japs obedece.*) Vou fazer a grande, a incomparavel sorte dos nós.

**Mandarim.**—Já vejo que o senhor faz sempre a mesma coisa! Dê o lenço á madama! (*Toma-lh'o e entrega-o a Olympia.* *A Bosco.*) Mostre-me o senhor as suas habilidades!

**Bosco.**—As minhas são as mesmas deste senhor...

**Mandarim, ao Conde.**—E as suas?

**Conde.**—As mesmas deste senhor.

**Mandarim, a Mottini.**—E as suas?

**Mottini.**—As mesmas deste senhor, e mais as sombri-nhas chinezas.

**Mandarim.**—Chinezas? Então é commigo!

**Mottini, formando uma figura com as mãos, cuja sombra se projecta na parede.**—Que vê V. Ex. naquella parede?

**Mandarim.**—Vejo... um burro.

**Mottini.**—Pois é a minha sombra.

**Mandarim, Olympiã e o Barão, bocejando.**—Bonito!

**Mandarim, a Jap-of-Japs.**—E o senhor? que faz o senhor?

**Jap-of-Japs.**—Alem de ser prestidigitador, como estes senhores, sou um equilibrista insigne! Já vio a sorte da bacia, que tantos applausos me valeu da imprensa?

**Mandarim.**—Confesso que não.

**Jap-of-Japs.**—Pojs veja e admire! (*Vae buscar uma bacia que trouxe ao entrar e deixou ao fundo, tira uma moeda da algibeira, dá-lhe um impulso, e fal-a girar no interior da bacia.*)

**Olympiã.**—E' bem feito, mas não me admira.

**Barão.**—Porque?

**Olympiã.**—Tenho feito moedas girar com muito mais rapidez.

**Jap-of-Japs.**—Si desejam alguns equilibrios?

**Mandarim, erguendo-se.**—Não! basta! basta!

**Barão, erguendo-se.**—Si o senhor pudesse equilibrar-me a receita com a despeza!

## SCENA VII

Os MESMOS, o CRIADO, que entra apressado.

**Criado.**—Está ahi outro homem que parece mulher!

**Olympiã, erguendo-se.**—Quem?

**Mandarim.**—Um homem que parece mulher! Pelo Deus Fó! Já sei quem é!

**Criado.**—Está furioso!

**Mandarim.**—E' minha mulher!

**Olympiã.**—Sua senhora! Um homem que parece mulher!



**Mandarim.**—E' uma mulher que parece homem! Vem a dar na mesma! Bhuda me acuda! E' a esposa mais ciumenta de Pekim! Descobrio que estou cá, e quer apanhar-me com a bocca na botija! Escondam-me!

**Olympia.**—Um escandalo em minha casa!

**Criado,** *que se tem conservado ao fundo.*—Ella ahi vem!

**Hermann,** *aos prestidigitadores.*—Meus senhores, mostremos que somos optimos artistas! Escamoteemos o Mandarim!

**Mandarim,** *com volubillidade.*—Ah! meus amigos, si o conseguirem, sou capaz de empenhar o rabicho para pagar-lhes tamanho favor!

**Os prestidigitadores.**—Mãos á obra! (*Rodciam o Mandarim, que desaparece mysteriosamente, deixando-lhes a roupa nas mãos.*)

**Olympia.**—E esta roupa?

**Hermann.**—Este senhor que as ponha. (*Vestem o Barão com a roupa do Mandarim. Entra Peky furiosa e o criado sae.*)

## SCENA VIII

OLYMPIA, o BARÃO, os PRESTIDIGITADORES, que logo saem; PEKY.

**Peky,** *entrando furiosa e correndo para o Barão.*—Apanhei-te, cavaquinho! Tomal (*Dá-lhe uma bofetada.*)

**Hermann,** *aos outros.*—Vamos ter uma salsada! Fuja-mos! Um! Dous! Tres!

**Os outros.**—Passe! (*Desapparecem os prestidigitadores.*)

**Peky,** *ao Barão, que está sentado, interdito.*—Emmu-deceste?!

**Olympia.**—Senhora, não sei a que deva a honra de sua visita, mas...

**Peky.**—Não sabe? Ah! não sabe, ladra de maridos?

**Olympia.**—Previno-a de que não estou disposta a aturar desaforo, nem mesmo chinez!

**Peky.**—Pensa que não sei tudo?

**Olympia.**—Tudo! Tudo que?

**Peky.**—Andava tonta pela cidade, á procura daquelle senhor, quando, passando por esta rua, encontrei a olhar de bocca aberta para este sobrado um palerma, a quem me dirigi...

**Olympia,** *aparte.*—Era elle! O idiota ha de sempre comprometter-me!

**Peky.**—Perguntei-lhe si não vira o Mandarim, cujos signaes lhe descrevi. « Está alli, respondeu-me... está nos braços de uma *cocotte* ! » « *Cocotte* ? que vem a ser *cocotte* ? » « A senhora não sabe ? Ah ! Ah ! Ah ! » Deu-me uma gargalhada na cara ! Saltei-lhe ao pescoço, e elle, então, explicou-me tudo ! Com que, a senhora é *cocotte* ?

**Olympia.**—Si o sou, não tenho que dar satisfações !...

**Peky.**—Veremos ! (*Avançando de novo para o Barão.*) E tu, monstro, vaes pagar-m'o com lingua de metro ! (*Empolga-o.*)

**Barão, meio asphixiado.**—Peço a palavra para uma explicação !

**Peky, deixando-o.**—Esta voz ! (*Reparando nelle.*) Não é meu marido !

**Barão.**—Felizmente !

**Peky.**—Mas este vestuario !...

**Olympia, vivamente.**—E' meu !

**Peky.**—Seu ? como assim ?

**Olympia.**—Eu lhe explico. Os meus vestidos são feitos por mim mesma.

**Peky.**—Ah !

**Olympia.**—As costureiras aqui são um Deus nos acuda. Então, pago mensalmente um tanto a este senhor para servir-me de manequim.

**Barão.**—Manequim, justamente, manequim...

**Olympia, arranjando a roupa no Barão.**—Está vendo ? E' assim... Olhe...

**Peky.**—Nesse caso, vejo que fui enganada. (*Examinando a roupa do Mandarim.*) Pois este vestido é egual ao fato com que sahio meu marido.

**Olympia.**—E' bem possivel... Mandei vir esta fazenda da China.

**Peky, ao Barão.**—Manequim ! Grandissimo vagabundo ! Pois não tem vergonha de servir de manequim ?

**Barão.**—Vergonha ! Saiba, minha senhora, que manequim tem sido muita gente boa !

## COPLAS

### I

De manequim já tem servido  
E, note bem, a seu pezar,  
Mais de um sollicito marido,  
Que não se atreve a profestar.  
Têm servido de manequim,  
Sem um leve protesto oppor,



O deputado e o senador !  
 Nos periodicos, enfim,  
 A mais de um redactor  
 Tenho visto ser manequim !

## II

De manequins, infelizmente,  
 Temos servido todos nós,  
 Pois manequins não são somente  
 Os dos « Seiscentos mil pal'tots »  
 Tem servido de manequim,  
 Sem um leve protesto oppor,  
 O mais poderoso senhor !  
 E mesmo no theatro, enfim,  
 A muito bom actor  
 Tenho visto ser manequim !

**Peky.**—Bem... hão de me dar licença... Vou procurar o meu manequim... quero dizer-mandarim ! Tratante ! deixarme sosinha no hotel e... Ah ! que si o apanho ! Passem bem !  
*(Sae.)*

**Barão.** *despindo as roupas do Mandarin e deixando-as sobre o sofá.*—Bem, madama, eu piro-me... Os magicos hão de me dar conta do senhor Tchín-Tchan-Fô ! Até mais ver !  
*(Sae.)*

**Olympia.** *só.*—Somma total : um bracelete. Os fundos continuam baixos. Mas não perco por esperar. Receberei principal e juros. *(Sae. Mutação.)*

---

 QUADRO TERCEIRO

O Carceller. Um kiosque praticavel.

## SCENA PRIMEIRA

O POVO, VENDEDORES DE JORNAES, ENGRAIXADORES, etc.,  
 um VADIO, um CHIM, o HOMEM DO KIOSQUE, que durante o quadro apparece e desaparece á vontade.

## CORO

Que alegria ! que alegria !  
 Que pittoresca multidão !  
 Reina prazer e confusão.  
 Porque está hoje um bello dia !  
 De cá  
 Pr'a lá  
 Passeando o povo está !

**Vendedor de jornaes.**—*Gazeta de Noticias!* 40 réis! *A Folha Nova!* *Diario do Brazil!* Trazendo o homem que se suicidou-se!... Também trazendo a lista da lotaria! Também trazendo a Camara Municipal!

**Outro.**—*Da Tarde a Gazeta!* 40 réis! Trazendo o folhetim do artista Vasques!

**Vendedor de balas.**—Bala, freguez! Parto, ovo, alteia, hortelã-pimenta, coco á bahiana! Duas caixas de phosphoros por 100 réis!...

**Chim.**—Camalô! Sadinha! Pêsse!... (*Apregoam todos ao mesmo tempo.*)

## SCENA II

OS MESMOS, LYRIO, PEKY.

**Peky**, entrando pelo braço de Lyrio.—Já lhe disse que não era elle!

**Um vadio**, a um dos vendedores de jornaes.—Deixe ver a *Gazeta*. (*Compra, pága e sae lendo.*)

**Lyrio**.—E' celebre! Pois eu garanto-lhe...

**Peky**.—Mas como foi que o não encontrei?

**Lyrio**.—Ignoro; mas havemos de sabel-o!

**Peky**.—Si o conseguir, fará de mim o que quizer, mancebo...

**Lyrio**.—Sou um seu criado!

**Peky**.—Meu criado? Não! eu é que serei sua escrava!

**O vadio**, voltando, ao vendedor.—Tenha paciência; não era a *Gazeta*, era a *Folha Nova* que eu queria. (*O vendedor troca. O vadio sae lendo.*)

**Peky**, com intenção.—A minha vingança será completa!

**Lyrio**.—Está bom, mas para vingar-se não é preciso apertar-me desse modo!

**Peky**.—Ainda não viste nada, mancebo! Si fizeres com que eu o pilhe... então é que verás!

**Lyrio**, aparte.—Quaes serão as suas intenções? (*Os moleques e transeuntes têm a pouco e pouco feito roda a Lyrio e Peky.*)

**O vadio**, voltando.—Queira desculpar: não era a *Folha Nova*, era o *Brazil* que eu queria. (*Troca e sae lendo.*)

**Peky**, vendo que está cercado pelo povo.—Nunca me viram? Perderam o nariz?

**Lyrio**, deixando o braço de Peky e afastando o povo.—



Arreda! Não sabem que são prohibidos os ajuntamentos de mais de uma pessoa? (*A Peky.*) Venha commigo: prometto que a senhora ha de apanhar seu marido! Venha...

**O povo,** *acompanhando-os a rir.*— Ah! Ah! Ah!...  
(*Saem todos. O vendedor de jornaes sae por ultimo.*)

**O vadio,** *agarrando-o.*— Venha cá... Tenha paciencia. Não era o *Brasil* que eu queria, era a *Gazeta da Tarde*. (*O vendedor faz a troca e sae.*) Assim consigo ler todos os jornaes por dous vintens. (*Sae, lendo, pelo lado opposto.*)

### SCENA III

o MANDARIM, trazendo OLYMPIA pelo braço; o BARÃO.

**O Barão,** *entrando na frente.*— Venham por aqui.

**Mandarim.**— Pois senhores, esta é realmente uma grande cidade! Pena é que seja tão suja! ( *Ao Barão.*) Aqui ha ou não ha municipalidade?

**Barão.**— Isto é...

**Mandarim.**— Compreendo. (*Apontando para o kiosque.*) Daquillo gosto eu, sim senhor .. Pura architectura chinesa...

**Olympia.**— E o segundo bracelete?

**Mandarim.**— O' madama, eu fallo-lhe em kiosques e a senhora responde-me com braceletes!

**Olympia.**— Tão pouco valho eu, que...

**Mandarim.**— Não quero dizer isso. E' seu o bracelete.

**Olympia.**— Vamos compral-o... (*Vão a sahir.*)

**Mandarim,** *parando.*— Que é aquillo? (*Refere-se a dous homens que passam pelo fundo, carregando um enorme forno.*)

### SCENA IV

Os MESMOS, DOUS CARREGADORES, dirigidos por um TYPO; depois um POSITIVISTA.

**Barão e Olympia.**— E' verdade! Que será?

**O typo,** *que conduz os carregadores.*— O forno, meus senhores!

**Os três.**— O forno!

**O typo.**— O forno, sim! o forno da cremação! Levo-o para a Jurujuba!

**Mandarim.**— Então a cremação está estabelecida aqui?

**O typo** — Não está, mas é o mesmo ! Para que serve o governo sinão para estabelecer o que não está estabelecido ?

**Barão.** — Mas a lei...

**O typo.** — Ora viva, meu caro senhor ! (*Sae com os carregadores.*)

**O Positivista**, *atravessando a scena na direcção que tomou o typo.* — E' um absurdo ! O grande Augusto Comte era contra a cremação, e eu, na qualidade de positivista, não posso deixar de obedecer á minha systematisação philosophica e de oppôr barreiras a esta anarchia mental ! 13 de Carlos Magno de 93. (*Desapparece.*)

## SCENA V

o MANDARIM, o BARÃO, OLYMPIA, depois um EMBUÇADO.

**Mandarim.** — Quem é este moço, que não gosta de defunto assado ?

**Barão.** — Pois não lhe ouviu dizer que é um positivista ?

**Mandarim.** — Positivista ? P'ra longe !

**Olympia.** — Porque ?

**Mandarim.** — Pois não sabem que o positivismo é contra a emigração chinesa ? (*Durante o dialogo tem entrado um sujeito embuçado dos pés á cabeça, com uma lanterna na mão, como a procurar por todos os cantos.*) Que diabo procura aquelle sujeito com uma lanterna acesa ?

**Barão.** — Olá, senhor ! que perdeu ?

**O embuçado**, *approximando-se.* — Perdi a esperança de encontrar um homem, que procuro como o fallecido Diogenes.

**Olympia.** — Procura um homem ? Estão aqui dous !

**Mandarim.** — Que deseja ?

**Embuçado.** — Eu lhe digo... moro n'um casarão de muitos compartimentos... Tenho sala de espera, sala de visitas, sala de bilhar, sala de jantar, sala de banhos, alcova, quarto de toilette, e gabinete. Como sou muito esquisito, estou sempre a mudar de gabinete. E sempre que ha mudança de gabinete, preciso de um homem especial que m'o arrange. Até agora não tive grande difficuldade em achar esse homem, mas confesso que hoje tenho suado o topete.

**Mandarim.** — Sim ?

**Embuçado.** — E' como digo... Já uma vez mandei arranjar o gabinete por um sujeito muito serio, e satisfiz-me bastante o seu trabalho.

**Mandarim.** — Nesse caso, porque não o incumbe de o arranjar agora ?



**Embuçado.**— Era esse o meu desejo... cheguei mesmo a mandal-o chamar ao Norte... e elle veio... mas, logo que aqui chegou, vio que a coisa era mais difficil agora que das outras vezes, torceu-me o nariz e roeu a corda.

**Barão.**— Ora esta!

**Embuçado.**— Chamei mais meia duzia de individuos... Todos elles se recusaram, receiosos de não poderem dar conta do recado... O ultimo que chamei indicou-me um artista com quem não estou em muito boas relações, por causa da divergencia que existe entre as nossas idéas politicas... Mas vejo-me forçado a chamal-o...

**Mandarim.**— E faz muito bem! Que tem o senhor com a politica do homem? Mostre elle talento no arranjo do gabinete, e o mais...!

**Embuçado.**— Tem razão. (*Apaga a lanterna.*) Vou mandar chamal-o. Passem bem.

**Os tres.**— A's ordens! (*O Embuçado sae. Ao mesmo tempo ouvem-se vozes fora.*)

**Vozes fora.**— Não quero! não quero!...

**Os tres, subindo.**— Qus é isto?

**Barão.**— Chi! que morcegada!

**Olympia.**— Dirigem-se para cá.

**Barão.**— Ponhamo-nos de parte, que não é gente segura!

## SCENA VI

o MANDARIM, o BARÃO, OLYMPIA, MORCEGOS, dirigidos pelo CABEÇA DA GRÈVE

(*Os recém chegados fallam todos a um tempo.*)

**Mandarim, approximando-se.**— Que foi isso? que lhes succedeu?

**O cabeça da grève.**— Imagine que nos augmentaram o tempo do serviço sem nos augmentarem o cobre! E' uma tyrania!

**Todos.**— E' uma tyrania!

**O cabeça da grève.**— Fizemos grève!

**Mandarim.**— E' grave!

### CORO DOS MORCEGOS

E' tempo já  
De erguer a voz!  
Não fugirá

Nenhum de nós!  
E' sempre bom  
O seu pensar  
Alto e bom som  
Manifestar!

Nosso chanfalho, a fulgurar luzente,  
A toda a gente em polvorosa traz!  
Quando embocamos o estridente apito,  
Cessa o conflicto, reina logo a paz!  
E' tempo já etc.

(*Saem os morcegos a dansar.*)

**Barão.**— Fizeram grève? Ora graças, que vamos ter uma cidade policiada. (*Consultando o relógio.*) Mas com a bréca! Faz-se tarde e eu preciso ir á casa de um capitalista que me prometeu os fundos necessários para a exploração do Cayapó, Maranhão e seus afluentes! Senhor Mandarim... minha senhora!

**Mandarim.**— Vá jantar commigo. (*O Barão sae.*)

## SCENA VII

o MANDARIM, OLYMPIA, o HOMEM DO KIOSQUE.

**Mandarim.**— Finalmente estamos sós! (*Quer beijal-a.*)

**Olympia, fugindo-lhe.**— Veja que estamos no meio da rua!

**Mandarim.**— E' o habito. Em minha terra...

**Olympia.**— Si o senhor pretende introduzir aqui os usos de sua terra, arrisca-se a ser deportado.

**Mandarim.**— Tudo aqui é diverso do que se pratica na China... O proprio amor...

**Olympia.**— Que tem o amor?

**Mandarim.**— O amor na China é mais ardente.

**Olympia.**— Isso agora...

### CANTO

**Olympia.**

Não ha de certo no mundo inteiro  
Amor mais vivo que o brasileiro;  
Não ha de certo....

(*O canto é interrompido por uns sons muito agudos de corneta. A orchestra começa a tocar uma marcha em surdina.*)

**Mandarim.**

Que quer isto dizer?  
Um canto militar  
Vem nosso duetto interromper!



**O homem do kiosque, que tem reaparecido.**

Vou tudo lhe explicar :  
São as tropas que vão  
P'r'o Paraná!

**Mandarim e Olympia.**

Pois ha revolução  
No Paraná ?

**O homem do kiosque.**

Telegrammas importantes  
Dizem que uns negociantes  
Revoltaram-se por lá!

*(A orchestra executa a marcha com toda a força dos seus instrumentos. Começa a desfilar ao fundo a tropa, com capoeiras e uma banda de musica na frente.)*

## SCENA VIII

o MANDARIM, OLYMPIA, o HOMEM DO KIOSQUE, a TROPA, que desfila ao fundo, depois PEKY, pelo braço de LYRIO.

*(A marcha vai amortecendo na orchestra á medida que se supõe afastar-se a banda de musica. Continua o canto.)*

**O homem do kiosque.**

Vem chuva ! A tropa é natural  
Que apanhe um temporal !

*(A scena começa a ficar escura.)*

**Olympia, ao Mandarim.**

Vem commigo  
Comprar o bracelete, ó meu amigo

**Mandarim.**

Vamos !

**Peky, entrando pelo braço de Lyrio.**

Alto lá !  
Oh, ceus ! minha mulher !

*(Abrindo a porta do carro vivamente, a Olympia.)*

Entra para cá !

**Peky.**

Oh, tratante espera lá !

*(Tropa na trazeira de um carro, que desaparece.)*

**Lyrio.**

Oh, senhora, venha cá!

*(Sae correndo atraz do carro.)*

**O homem do kiosque, rindo.**

Ah! Ah! Ah! Ah! Ah! Ah!

*(Recolhe-se.)*

**SCENA IX**

A TROPA, que não tem cessado de passar. UM SOLDADO,  
UM EMPREGADO DO TELEGRAPHO.

**Empregado do telegrapho**, *entrando e dirigindo-se ao ultimo soldado.*— Um telegramma! *(Dá-lh'o e sae.)*

**O soldado**, *só em scena.*— Um telegramma! *(Abre-o.)*  
Do commandante! Que vejo! Já os primeiros soldados chegaram ao Paraná e os ultimos ainda na rua Direita! Oh! é o que queriam! Tanta gente por causa de quatro ou cinco negociantes! E vem chuva! *(Sae a correr. A orchestra executa musica imitativa de tempestade. Obscurece-se ainda mais a scena. Chuva de prata. A scena transforma-se n'um mar.)*

**QUADRO QUARTO**

Mar.

**SCENA UNICA**

o MANDARIM, OLYMPIA, depois PEKY, LYRIO.

*O Mandarim e Olympia tripulam uma canôa: Lyrio e Peko outra. Os homens remam.*

**Mandarim.**— Vamos! vamos! que ella ahi vem!  
*(Desapparecem pelo lado opposto. Surge a outra canôa.)*

**Lyrio e Peko.**— Apanhemol-os! Apanhemol-os!

*Ao chegar a canôa ao meio do palco, cae o panno.*



## AGTO SEGUNDO

### QUADRO QUINTO

Pequena sala em um hotel ordinario. A' esquerda um canapé.

### SCENA PRIMEIRA

o MANDARIM, PEKY.

(Ao levantar o panno, o Mandarin está sentado no canapé, a esfregar o corpo, como quem acabou de apanhar pancada. Peki passeia agitada de um para outro lado, com as mãos nas costas.)

**Peki.**—Arre! Metta-se n'outra, e, por Bhuda! não ficará só nisso: corto-lhe o rabicho!

**Mandarin.**—Mas que queres, filha? O homem, mesmo chinez, é um ente fraco! Demais, bem sabes, na China não ha d'aquella fructa!

**Peki.**—Aquella fructa é uma immoralidade, que felizmente ainda lá não chegou!

**Mandarin.**—Infelizmente, dizes bem.

**Peki.**—Felizmente, disse eu.

**Mandarin.**—Felizmente, queria eu dizer.

**Peki.**—Que pouca vergonha! No meio da rua! Perto de um kiosque!

**Mandarin.** *erguendo-se.*—Está bem, não fалlemos mais nisso... Aguas passadas não moem moinhos...

**Peki.**—Aquellas hão de moer emquanto eu viva fôr. (Pausa.) Com que, gostas de *covottes*, heim?

**Mandarin.** *aparte.*—Temol-a de novo! (Alto.) Não gosto! quero dizer: juro-te que nunca mais gostarei.

**Peki.**—E si o fizeres, dou por meu turno um pontapé na fidelidade!

**Mandarin.**—Desse susto não bebo agua! Os teus dotes naturaes são uma garantia...

**Peki.**—Senhor Tchín-Tchan-Fó!

**Mandarin.**—Não dês escandalo! Lembra-te de que estamos em um hotel!

**Peky.**— E o senhor? Não estava no meio da rua?! De mais, isto não é hotel, não é nada; encafiou-se aqui nesta bo-dega, só porque leu na taboleta: « Hotel da China ».

**Mandarim.**—Patriotismo...

**Peky.**—Bem, não discutirei mais aqui; vamos para o quarto.

**Mandarim.**—Nada! Lá é que eu não quero discussões.

## SCENA II

Os MESMOS, uma VICTIMA DO DECRETO CONTRA AS ACCUMULAÇÕES, que deve ser um individuo pallido e mal trajado.

**Victima.**—Perdão; o senhor é o cosinheiro deste hotel?

**Mandarim.**—Cosinheiro será elle! Com quem julga este jagodes que está fallando?

**Victima.**—Segunda vez perdão... A taboleta diz « Hotel da China »... e como o vi com esta fatiota... Então o senhor é... é o dono?

**Mandarim.**— Senhor, eu sou o celebre Tchín-Tchan-Fó, mandarim de primeira classe, secretario de um dos vice-reis da China, presidente...

**Victima, atalhando.**— Terceira vez perdão... Bem se vê que na China não estão prohibidas as accumulacões.

**Peky, aparte.**— Que pallidez poetica!

**Mandarim.**— Diga o que pretende!

**Victima, com impeto.**— Vou abrir-me!

**Peky, vivamente.**— Com licença; eu retiro-me...

**Victima.**— Mas...

**Peky.**— Abra-se com meu marido. (*Sae.*)

## SCENA III

Os MESMOS, menos PEKY.

**Mandarim, apertando a mão á Victima.**— Antes de mais nada, muito obrigado.

**Victima.**— Porque?

**Mandarim.**— Livrou-me della!

**Victima.**— Della quem?

**Mandarim.**— Desta senhora que sahio. Vamos adiante!



**Victima.**— Ah! já sei : é sua sogra.

**Mandarim.**— Vamos lá : a que devo a sua visita ?

**Victima, mudando de tom.**— Sr. Mandarim Tchín-Tchán-Tchón !

**Mandarim.**— Tchín-Tchán-Fó.

**Victima.**— Eu sou fiscal da limpeza. .

**Mandarim, examinando-o.**— Não parece.

**Victima.**— Pois sou. Era também continuo de uma repartição publica... e bedel em uma escola nocturna.

**Mandarim.**— Só ?

**Victima.**— Não, senhor. De manhan cedo exercia o logar de sachrista da capella...

**Mandarim.**— Com effeito ! Só ? !...

**Victima.**— Só ? Ora espere ! (*Lembrando-se.*) Só, sim, senhor. Mas foi promulgado um decreto...

**Mandarim.**— Condecorando-o ?

**Victima.**— Não, senhor ; prohibindo as accumulações. E então...

**Mandarim.**— E então... ?

**Victima.**— Fiquei na pindahyba...

**Mandarim.**— Na pin... ?

**Victima.**—... dahyba. Quero dizer : fiquei só fiscal da limpeza, e trago os bolsos completamente limpos.

#### COPLA

Esbodegado aqui vegeto,  
Dês que deixei de accumular ;  
Viver depois do tal decreto  
Não é viver : é vegetar !  
Ah ! si eu tivesse uma quantia,  
P'ra não dizer um capital,  
Incontinenti fundaria  
Um pornographico jornal.

O que será, s'or Mandarim,  
De mim ?

**Mandarim.**— Não sei.

**Victima.**— Desejava ficar freguez deste hotel, desde que a pensão fosse baratinha...

**Mandarim.**— Isso não é commigo; entenda-se com o dono da casa. Vá por alli, que o ha de encontrar.

**Victima.**— Obrigado, Sr. Tchán-Tchín-Fó !

**Mandarim.**— Tchín-Tchán-Fó ! (*A Victima sae.*)

## SCENA IV

o MANDARIM, depois o DOUTOR COPACABANA.

**Mandarim.** *só.*—Ahi vem outro sujeito. Está escripto que não devo ter hoje um momento de descanso!

**Doutor.** *entrando, cheio de jornaes.*—Julgo fallar ao Sr. Mandarim Tchín-Tchan-Fó...

**Mandarim.**—Ao proprio. (*A parte.*) Este, ao menos, não me erra o nome!

**Doutor.**—Ah, meu charo senhor! a Copacabana está em suas mãos!

**Mandarim.**—Em minhas mãos!

**Doutor.**—Faltava-nos um industrial da força de V. Ex.

**Mandarim.**—Um industrial! Para que?

**Doutor.**—Pois não sabe?

**Mandarim.**—Saberei.

**Doutor.**—Pois não sabe que o contracto foi rescindido?

**Mandarim.**—Que contracto?

**Doutor.**—Que o contractante queria ficar com a *copa* e deixar a *cabana* aos outros?

**Mandarim.**—Que contractante?

**Doutor.**—E que tão cedo não teremos bonds para a Copacabana?

**Mandarim.** *convencido.*—Ah! trata-se de... (*Outro tom.*) De que se trata?

**Doutor.**—Pois não sabe?

**Mandarim.**—Não, senhor.

**Doutor.**—Então não temos nada feito. (*Dando-lhe os jornaes que traz nas mãos, e tirando outros de todas as algibeiras, de dentro do chapeo e até do cano das botinas.*) Aqui tem V. Ex. os artigos que se têm escripto sobre a questão... faça favor de lê-los! Amanhan virei saber si quer ou não embarcar os seus capitães nesta empreza. Às ordens de V. Ex. ! (*Sae.*)

**Mandarim.**—Eu quero embarcar, mas é para a China! Não ha que ver: fico doido nesta terra! Já hontem dous indivíduos, a proposito de uma questão sobre si se devia dizer *Ita missa est*, ou *Ita, ponto e virgula, missa est*, cacetearam-me sem compaixão! Decididamente não se pôde aqui ficar mais tempo que o principe Henrique, que veio á terra, assistio a uma sessão do Instituto Historico, e voltou para bordo. (*Vendo Olympia, que entra.*) Tu! Tu aqui!... (*A parte.*) Adeus, minhas encomendas!



## SCENA V

o MANDARIM, OLYMPIA, depois, o DOUTOR COPACABANA, que logo sae.

**Olympia**, *entrando e cruzando serenamente os braços.*— Com que então, o senhor abandonou-me?

**Mandarim.**—Mas...

**Olympia.**—Cale-se! O seu procedimento é tanto mais injurioso, quanto ainda não houve entre nós intimidades de certa consequencia...

**Mandarim.**—A culpa tem sido tua!

**Olympia**, *chorando.*—Quanto mais... quanto mais...

**Mandarim.**—O' filha, tem paciencia... eu sou casado e... e, ainda agora o estive sabendo, as accumulções estão prohibidas.

**O doutor**, *voltando muito apressado.*—Senhor Mandarim, desculpe... Tinham-me esquecido estes folhetos nos bolsos das calças! (*Dá os folhetos ao Mandarim e sae correndo.*)

**Mandarim.**—Que paiz!

**Olympia.**—Não ha que fiar nos homens! (*Chorando.*) Sou muito desgraçada!

**Mandarim.**—Bem, bem... Não chores...

**Olympia**, *supplicante.*—Tchin-Tchan-Fó, então? vens ou não vens?

**Mandarim.**—Respondo como Sganarello: pôde ser que sim, pôde ser que não.

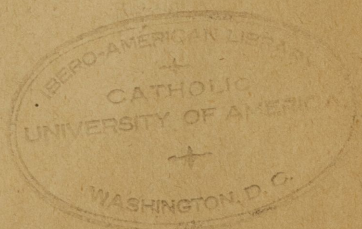
**Olympia.**—Oh! não me digas que não!

**Mandarim.**—Minha mulher jurou cortar-me o rabicho, si eu reincidisse!

**Olympia.**—Que falta te faz o rabicho? Comprarás outro no Baptista das Tranças Monstro.

**Mandarim.**—Dizes bem! Demais, (*Num tom melódramático.*) este (*Pega no rabicho.*) pôde ella arrancar; mas o outro... o rabicho que tenho por ti, só si passar por cima do meu cadaver! Fujamos!

**Olympia.**—Ah! E's meu! Fujamos! (*Saem enlaçados. Um momento depois, entra Pety.*)



## SCENA VI

PEKY, só.

Tchin... Onde se metteu elle? (*Olhando para fóra.*) Que vejo?! Com ella?! E eu que vinha fazer as pazes?... Corramos! Desta vez hão de se arrepender! (*Erguendo um pouco o vestido e sahindo a correr.*) Péga!... (*Forte na orchestra. Mutação.*)

## QUADRO SEXTO

Ao fundo cinco barracas eguaes, com os seguintes letreiros, na ordem seguinte, da esquerda para a direita: RECREIO, NOVIDADES, SANT'ANNA, PRINCIPE, PHENIX. A' esquerda, terceiro plano, S. PEDRO; no segundo plano, PEDRO II. A' direita, terceiro plano, POLYTHEAMA; no segundo plano, S. LUIZ.

## SCENA PRIMEIRA

1.º INDIVIDUO, á porta do Recreio; SILVA BASTOS, á do Novidades; KELLER, á do Sant'Anna; 2.º INDIVIDUO, á do Principe; A FILHA DO INFERNO, á da Phenix; FERRI, á do Polytheama; UMA DAMA, á do S. Luiz; UM AMADOR, á do S. Pedro; LOHENGRIN, á do Pedro II.

1.º *individuo.*—*A familia Benoiton! O estratagem de Arthur!*

*O amador.*—*Os dous proscriptos, por curiosos; O 29, por amadores!*

*Keller.*—*Boccacio! Quem quer ver o Boccacio? Gillette de Norbonne! Falka!*

*A filha do inferno.*—*A filha do inferno! Venham á Filha do inferno!*

*A dama.*—*As duas orphans! A Morgadinha! O beijo de Satanaz! Chega!...*

*Lohengrin.*—*Lohengrin! Lohengrin! Remedio infalivel contra as insonias!*

*Silva Bastos.*—*As amazonas de Tormes! A filha do tambor-mór! A flor de chá!*

*Ferri.*—*Chega á companhia lyrica! A fama do bom e barato! Venite, signore miei!*

2.º *individuo.*—*Quem aluga este theatro? (Repetem todos ao mesmo tempo as suas fallas, e desaparecem.)*



## SCENA II

o MANDARIM, OLYMPIA.

**Mandarim.**—Que vem a ser isto ? ! Uma praia de banhos ? ...

**Olympia.**—Não. São os nossos theatros .

**Mandarim.**—Theatros ? ! Estas barracas ? !

**Olympia.**—O habito não faz o monge.

**Mandarim, lendo.**—S. Pedro..

**Olympia.**—Esse vae entrar em obras.

**Mandarim, continuando.**— « Pedro II, S. Luiz, Polytheama, Phenix, Principe, Sant'Anna, Novidades, Recreio. » Não ha mais ?

**Olympia.**—Ha mais dous, um dos quaes pouco funciona e o outro não funciona absolutamente. Mas tambem que lembrança a de construirem um theatro onde deviam ter aberto, quando muito, uma pharmacia ! Ah ! esquecia-me... Temos tambem o theatro do João Minhoca !

**Mandarim.**—Do João... ?

**Olympia.**—Minhoca.

**Mandarim.**—E é bom esse do Minhoca ?

**Olympia.**—Um jornal de grande auctoridade acaba de tecer-lhe os maiores encomios. Ao que parece, as duas grandes expressões da arte dramatica neste paiz têm sido João Caetano e João Minhoca. Mas vamos lá ! que theatro, que genero preferes ? Drama, comedia, opera, operetta ?

**Mandarim.**—Que pergunta ! Opera !

**Olympia.**—Para que preço ?

**Mandarim.**—Como para que preço ?

**Olympia.**—Temos opera para diversos preços.

**Mandarim.**—Comecemos pela mais barata.

**Olympia, indo bater á porta do Polytheama.**—Olá ! Opera para um ! ...

**Ferri, sahindo do Polytheama.**—Eco me quá !

**Mandarim.**—Você é que é o barateiro ?

## SCENA III

Os MESMOS, FERRI.

*Ferri desce ao proscenio e canta uma aria qualquer das operas italianas mais populares.*

**Mandarim.**—Nada ! nada ! pôde ir-se embora ! não pegam as bichas !

**Ferri.**—É' mais barato que em outra qualquer parte !

**Mandarim.**—Não quero!

**Ferri.**—Mas...

**Olympia.**—O homem não quer : vá embora !

**Ferri.**—Paciencia. (*Entra no Polytheama.*)

**Mandarim.**—Vamos á mais cara.

**Olympia.**—Nesse caso, vaes ouvir o *Lohengrin*.

**Mandarim.**—É' bom ?

**Olympia.**—Póde ser que sim, póde ser que não.

**Mandarim.**—Explica-te !

**Olympia.**—Disse um critico que os espectadores do *Lohengrin* dividem-se em duas classes : os que têm ouvidos e os que têm orelhas. Vamos ver a que classe pertences tu. (*Indo bater ao Pedro II.*) Olá ! *Lohengrin* para um !

## SCENA IV

o MANDARIM, OLYMPIA, LOHENGRIN.

**Lohengrin,** *sae do Pedro II e fica á porta, fallando ao cysne que o acompanha. Bate de chofre sobre elle um raio de luz electrica.*

### ARIA DO CYSNE

Cysne gentil,

Voga subtil,

E vae cortando o manso mar...

As brancas azas a agitar,

Voga subtil.

(*Depois da aria a orchestra degenera n'um medonho charivari. O Mandarim e Olympia, que já começavam a cochilar, despertam sobresaltados, e fogem. Lohengrin encolhe os hombros e entra no Pedro II.*)

**Olympia.**—Que charivari !

**Mandarim.**—Nada ! eu tenho orelhas

## SCENA V

o MANDARIM, OLYMPIA, UM PAE DE FAMILIA.

**Pae de familia,** *entrando.*—Meu charo senhor, uma palavra... Faz favor ? Emprresta-me cinco mil réis ?

**Mandarim.**—Cinco mil réis ! Mas eu não o conheço !

**Pae de familia.**—Por isso mesmo ; os que me conhecem já não me emprestam vintem. Deitei no prego todas as joias da familia... recorro aos amigos... passei aos conhecidos... e agora dirijo-me aos estranhos.



**Olympia.**—Mas para que precisa o senhor de tanto dinheiro ?

**Pae de familia.**—Porque occupo certa posição na sociedade ; tenho cinco filhas, e não posso deixar de leval-as ao theatro lyrico !

**Mandarim.**—Não póde deixar de leval-as ao theatro lyrico !

**Pae de familia.**—Certamente. Seria uma vergonha. Que diriam por ahi si vissem o meu camarote vasio ? Vê, pois, que sou obrigado a fazer das tripas coração, e pedir a uns e a outros pequenas quantias, que prefaçam a somma necessaria para pagar o carro, as luvas, o cabelleireiro etc, etc. Só cinco mil réis, meu charo senhor !

**Mandarim, formalizado.**—Si o senhor continúa, peço que o recolham ao Asylo da Mendicidade, segundo as ordens policiaes em vigor ! (*Dá-lhe as costas e vae ao fundo.*)

**Pae de familia, chorando.**—E' um estrangeiro : não me comprehende !

**Olympia, aparte.**—Pobre pae de familia ! (*Alto, aproximando-se d'elle bastante commovida.*) Eu, que sou da terra, comprehendo estas coizas. Tome lá, não cinco, mas dez mil réis. (*Dá-lhe dinheiro.*)

**Pae de familia, beijando-lhe a mão.**—Oh ! minha senhora ! Eu agradeço-lhe em nome da sociedade ! (*Sae.*)

## SCENA VI

o MANDARIM, OLYMPIA, depois 1.º INDIVIDUO, que logo sae ; a DAMA, que logo sae ; depois FERRI, que logo sae ; depois um DILETTANTI e dous CARREGADORES, que logo saem ; depois LOHENGRIN, que logo sae ; depois PEKY ; finalmente os MESMOS PERSONAGENS, que entram e saem, segundo as indicações.

**1º individuo, sahindo do Recreio.**—Nada ! vou tentar fortuna em S. Paulo !

**A dama, sahindo do S. Luiz.**—Nada ! vou tentar fortuna no Recreio ! (*Entra no Recreio.*)

**Ferri, sahindo do Polytheama e entrando no Principe.**—Nada ! Vou tentar fortuna no Principe !

**Lohengrin, sahindo do Pedro II.**—Vou para a Europa ! Aqui não me apreciam ! (*Sae, acompanhado por um raio de luz electrica.*)

**Mandarim.**—Que contradança !

**Olympia.**—Caprichos do publico, meu charo ; eu, que não sou companhia dramatica, quant s vezes me tenho mudado !

(*Saem do Pedro II dous carregadores conduzindo um dilettanti adormecido.*)

**Mandarim.**—Que é isto?

**Um carregador.**—Um dilettanti que adormeceu ouvindo o *Lohengrin*.

**O outro.**—Não houve meio de despertal-o! (*Saem.*)

**Mandarim,** olhando machinalmente para a direita.—  
Céus! minha mulher! (*Entra no Recreio.*)

**Olympia.**—Onde se metheu elle? Alli, talvez! (*Entra no Novidades.*)

**Peky,** entrando.—Ah! tratante! entrou n'uma destas barracas! Mas em qual? Vejamos alli! (*Entra no Sant'Anna.*)

**Mandarim,** sahindo do Recreio.—Não está alli. (*Ao passar pelo Sant'Anna, vê Peky, que sae.*) Ui! (*Entra vivamente no Príncipe.*)

**Peky,** sahindo do Sant'Anna.—Espera lá! (*Entra na Phenix.*)

**Olympia,** sahindo do Novidades.—Onde se metteria elle? Vejamos no Recreio. (*Entra no Recreio.*)

**Mandarim,** sahindo do Príncipe.—Mau! que já vou perdendo a paciencia! Estará no Novidades? (*Entra no Novidades.*)

**A dama,** sahindo do Recreio.—Fui de mal a peor: volto para o S. Luiz!

**1.º individuo,** entrando.—Fui de mal a peor: volto para o Recreio!

**O amador,** sahindo do S. Pedro.—Decididamente os amadores vão perdendo a cotação. Demais, o theatro vae entrar em obras. Volto á minha tripeça de sapateiro! (*Sae.*)

**Olympia,** sahindo do Recreio.—Provavelmente vi mal. Ha de estar no Sant'Anna! (*Entra no Sant'Anna.*)

**Mandarim,** sahindo do Novidades.—Nada! Já gastei não sei quantas vezes dez tostões! (*Entra no Recreio.*)

**Peky,** sahindo da Phenix.—Hei de apanhal-os, olé! Vamos ao S. Luiz!... (*Encaminha-se para o S. Luiz e arrepende-se.*) Agora me lembro de que ellas não gostam de theatros fechados... Ao Novidades!... (*Entra no Novidades.*)

**Mandarim e Olympia,** sahindo, ao mesmo tempo, elle do Recreio e ella do Sant'Anna.—Ora até que afinal!...

**Mandarim.**—Fujamos, porque minha mulher anda por ahi!

**Olympia.**—Vamos! (*Saem.*)



**Peky**, *sahindo do Novidades*.—Ah! lá vão! Desta vez não me escapam! (*Sae.*)

*A scena fica um momento vazia. Aparece Dona Juanita. A' sua entrada Silva Bastos e Keller vêm para as suas portas e, durante o canto, contemplam-a extasiados.*

## SCENA V

DONA JUANITA, SILVA BASTOS, KELLER.

## CANTO

Eis aqui a celeberrima  
 Juanita!  
 Cá'stou!  
 Não ha outra opera comica  
 Bonita  
 Como eu sou!  
 De Suppé no vasto cerebro  
 Em Vienna d'Austria nasci;  
 Allemanha, Italia e Russia  
 Gloriosa percorri;  
 Ultimamente na Belgica  
 Fui muito, muito feliz;  
 Por isso no inverno proximo  
 Quero fixar-me em Pariz.  
 Seduzir  
 Quem me ouvir  
 Venho cá!  
 Ah! Ah! Ah!

(*Apontando para Silva Bastos e Keller.*)

Ai, do amor  
 O furor  
 Sentem já!  
 Ah! Ah! Ah!  
 Ah! Ah! Ah!

(*Entra no Pedro II.*)

## SCENA VI

SILVA BASTOS, KELLER, depois DONA JUANITA.

**Silva Bastos**, *descendo*.— Como é linda!

**Keller**, *idem*.— Como é bella!

**Silva Bastos**.— Vio-a, visinho?

**Keller**.— Que tal a acha?

**Silva Bastos**.— Esplendida! E você?

**Keller**.— Arrebatadora!

**Silva Bastos.**— Eu amo-a !

**Keller.**— E eu adoro-a !

**Silva Bastos.**— Pretendo leval-a para casa.

**Keller.**— O mesmo desejo tenho eu.

**Silva Bastos.**— Mau ! si principiamos assim...

**Keller.**— Não desisto de minhas intenções !

**Silva Bastos.**— Vou cantar... para seduzil-a.

**SERENATA DA « D. JUANITA »**

O' Juanita, eu te idolatro !  
 Eu te adoro com fervor !  
 Vem commigo ao meu theatro,  
 Vem gosar meu terno amor !  
 Plim ! plim ! plim ! plom !

**Keller.**— Ah ! sim ? Pois espere... (*Canta.*)

Sinto um fogo extraordinario  
 O meu peito devorar !  
 Minha flor, como empresario  
 Eu te desejo montar !  
 Plim ! plim ! plim ! plom !

**Silva Bastos.**— Desengane-se ! A Dona Juanita não se deixa levar por cantigas !

**Keller.**— É que talvez o visinho não saiba de uma coisa !

**Silva Bastos.**— Qual ?

**Keller.**— Dona Juanita pertence-me !

**Silva Bastos.**— Como pertence-lhe ?

**Keller.**— Comprei-a ao pae.

**Silva Bastos.**— Ora adeus ! essa compra de nada vale !

**Keller.**— De nada vale ? Ora espere, que vou buscar os documentos ! (*Entra no Sant'Anna.*)

**SCENA VII**

SILVA BASTOS, depois DONA JUANITA, depois KELLER.

**Silva Bastos, só.**— Si, enquanto estou só, ella apparecesse...

**D. Juanita, sahindo do Pedro II e lançando-se nos braços de Silva Bastos.**— Ah !

**Silva Bastos.**— Queres ser minha ?

**D. Juanita.**— Quero; pelo menos seis mezes.

**Silva Bastos.**— Pois bem, entra para cá ; quero...



**D. Juanita** *recuando.*— Que?

**Silva Bastos.**— Descança ; quero traduzir-te.

**D. Juanita.**— Ao pé da lettra ?

**Silva Bastos** — Ao pé da lettra, sim ! Vamos ! (*Keller, que vem sahindo do Sant'Anna com os documentos, vé-os entrar abraçados no Novidades.*)

**Keller.**— Que vejo ! (*Indo á porta do Novidades.*) Juanita ! Juanita ! Que é isto ? Abandonas-me ? Eu sou o teu Nini. *Il tuo piccolo Nini* ! Não respondes ? Perfida ! (*Descendo.*) Pois deixa estar : vou mandar buscar outra em Pariz por um telegramma ! (*Sae.*)

## SCENA VIII

FERRY, que logo sae ; depois A FILHA DO INFERNO, que logo sae ; depois A DAMA, que logo sae ; depois 1.º INDIVIDUO, que logo sae ; depois A FILHA DO INFERNO, que logo sae ; depois 1.º INDIVIDUO, que logo sae ; depois KELLER, e UMA MULHER.

**Ferry, sahindo do Principe.**— Nada faço ! Ponho-me ao fresco ! (*Sae.*)

**A filha do inferno, sahindo da Phenix e entrando no Principe.**— Vou tentar o Principe !

**A dama, sahindo do S. Luiz.**— Vou tentar o Rio Grande do Sul !

**1.º individuo, sahindo do Recreio.**— Dissolvi... vou passeiar... deixo-os com e sem remorso. (*Sae.*)

**A filha do inferno.**— Dissolvi... Vou tomar ar... (*Sae.*)

**1.º individuo.**— Vou fundir outra... Onde ha de ser ? Aqui... (*Entra no Principe.*)

**Keller, entrando com uma mulher.**— Cá está ! Não ha nada como o telegrapho ! (*Entra com a mulher no Sant'Anna.*)

## SCENA IX

SILVA BASTOS, que logo sae ; depois KELLER ; finalmente SILVA BASTOS e DONA JUANITA.

**Silva Bastos, á porta do Novidades.**— A legitima D. Juanita ! Chega !

**Keller, apparecendo á porta do Sant'Anna.**— A Juanita conforme ha de ser cantada nos Bouffes-Parisiens ! Chega !...

**Silva Bastos.**— Triumpho completo !

**Keller.**— Uma pequenina alteração nos preços... um pau por um olho! Chega!...

**Silva Bastos.**— Juanita sem ponto! Ver para crer! (*Desapparece.*)

**Keller.**— Juanita sem virgula! E' só para moer! (*Para dentro.*) Heim? que é?... (*Descendo.*) Ora valha-me Deus! enroqueceu o barytono! Embora! Hei de ir por diante porque...

### COPLA

E' de certo a minha Juanita  
 Mais bonita,  
 Mais catita,  
 E bem escripta!  
 O Sant'Anna de povo regorgita,  
 De prazer toda a noite palpita!  
 Tudo se agita  
 E tudo grita!  
 E em geral cada qual participa  
 Que cá sou vinho de outra pipa! (*Sae.*)

**Silva Bastos, sahindo do Novidades com D. Juanita pelo braço.**— Vem... aproxima-se a estação calmosa... Vamos gozar em S. Paulo uma nova lua de mel!

### SCENA X

o PONTO, sahindo do seu buraco.

Respeitavel publico, eu sou o ponto. Por culpa minha, e só minha, que passei duas paginas da peça sem apontar, deixou de ser incluído o *Excelsior* no quadro que acaba de ser representado. Entretanto, o *Excelsior* foi, sem duvida, o acontecimento theatral mais importante de quantos occorreram durante o anno. O empresario veio pelo porão catucar-me na perna e dizer-me que subisse ao palco, e declarasse que o *Excelsior* seria exhibido em um quadro separado. E' o que faço. (*Comprimenta e vae sahindo. Lembrando-se.*) Ah! si na quadri-lha das nações não se veem mais de quatro... acreditem os senhores que não foi o desejo de fazer *réclame* a um hotel da rua da Assembléa... mas o espaço exiguo de que se dispõe etc. etc. (*Comprimenta e sae. Mutação.*)

### QUADRO VII

Sitio aprasivel

### PARODIA DO EXCELSIOR

Primeira entrada.—Brazileiros, dançando um lundum;—Segunda entrada.—Portuguezes, dançando a *Canna verde*;—Terceira entrada.—Bailarina brazileira;—Quarta entrada.—Inglezes, que apparecem ao som do *Good save* e dançam o solo inglez; Quinta entrada.—Francezes. Grande can-can.



# ACTO TERCEIRO

## QUADRO OITAVO

Um corredor da Camara Municipal. Ao lado, a mesa de um empregado.

## SCENA PRIMEIRA

o EMPREGADO, sentado á meza a escrever com a cabeça amarrada, emplastro no olho e o braço esquerdo em tipoia; o MANDARIM e o BARÃO, entrando.

**Mandarim.**—Senhor, póde dar-me uma palavra ?

**O empregado,** *sem levantar a cabeça.*—Pois não, minha senhora !

**Mandarim,** *furioso.*—Minha senhora outra vez ! Sebo ! Pois nesta terra só as mulheres podem andar de saia ?

**O empregado.**—Oh ! senhor ! queira desculpar... pensei... O senhor é então... ?

**Barão.**—E' o senhor Mandarim Tchín-Tchan-Fó !

**O empregado,** *erguendo-se.*—Ah ! é o senhor Mandarim. Então que manda ?

**Mandarim.**—Ha mais de um mez requeri licença para abrir na rua do Ouvidor um estabelecimento de bugigangas chinezas... e como até agora não tenha sido despachado o meu requerimento...

**O empregado.**—Mas que quer, si ha dous mezes não tem havido sessão ?

**Barão.**—Não tem havido... Mas nesse caso a Camara...

**O empregado,** *com mysterio.*—Aqui entre nós que ninguém nos ouve... isto por cá não anda bom...

**Mandarim.**—Estão doentes os vereadores ?

**O empregado.**—Não é isso; eu lhes digo...

**Barão.**—Sou todo orelhas.

**Mandarim.**—Vá; mas seja breve.

**O empregado.**—Ouçam lá... Nós temos um presidente que não vem, outro que vem e outro que quer vir.

**Barão.**—Tres presidentes...

**Mandarim.**—Distinctos...

**O empregado.**—E nenhum verdadeiro...

**Mandarim.**—Está um caso em que o que abunda pre<sup>m</sup>judica.

**O empregado.**—Quando o presidente que vem não vem, o que não vem quer vir; mas então que faz o que quer vir? oppõe-se a que venha o que não vem...

**Mandarim.**—Fiquei na mesma, mas estão me interessando estas idas e vindas... Continue.

**O empregado.**—Hoje é dia de sessão... dizem que que vem o presidente que não vem; o que quer vir já ahi está!... e si vem tambem o presidente que vem, vae haver um sarrabulho dos diabos!

**Mandarim.**—O, amigo Cayapó, já não vamos sem ver em que dá toda esta lenga-lenga!

**Barão.**—Sim, mas é bom cautela com o lombo!

**Mandarim.**—Pois que? Ha perigo?

**O empregado.**—Si ha perigo? Faça favor de olhar para mim!

**Mandarim.**—Na realidade, o senhor parece-me o coronel inglez da *Dona Juanita*.

**O empregado.**—É o resultado de haver assistido álgumas sessões.

**Barão.**—Não vio aquelles petropolis todos, que estavam no saguão quando entrámos?

**Mandarim.**—E então?

**Barão.**—São os frequentadores das sessões, os esquentadores das opiniões e os acalmadores das discussões.

**Mandarim.**—Que me diz?

**Barão.**—Emfim, fiquemos; mas promptos a disparar ao primeiro signal!

*(Ouve-se grande barulho fóra. Pancadaria. Apitos.)*

**O empregado.**—Então? que lhes dizia eu?

**Mandarim.**—Oh! mas isto é um escandalo!

**O empregado.**—E um escandalo que tão cedo não terminará!

*(Forte na orchestra. Surge do chão a Camara Transacta, velha, alquebrada, amortalhada, e branca como um cadaver.)*



## SCENA II

OS MESMOS, a CAMARA TRANSACTA.

**Camara.**—Enganas-te ! O escandalo vae ter fim !

**Os tres, que têm recuado.**—Que é isto ?!

**Barão.**—Uma defunta !

**Camara.**—Uma defunta fui. Resuscitei.

**Empregado.**—Ah ! reconheço-a ! é a Camara Transacta !

**Camara.**—Não te enganas.

**Empregado.**—Como vae isso ? Como se deu lá pelo outro mundo ?

**Camara.**—Perfeitamente. E merecia a minh'alma a eterna bemaventurança. Lembrem-se que amei ardentemente o municipio.

**Mandarim.**—Era uma camara ardente.

**Camara.**—E agora, uma vez que me disseram: *Surge et ambula !* mostrarei, contra todas as demonstrações mathematicas, que nove podem valer mais que vinte e um.

**Empregado.**—Deus o queira !

**Barão.**—Vejo que está possuida de bons desejos.

**Mandarim.**—Parece que vamos ter uma camara optica... oh ! quero dizer : optima ! (*Novo barulho fóra, com menos intensidade.*)

**Camara.**—Chi ! Que lá vae ! Deixem-me applicar aquelle chínfrim ! (*Sae.*)

**Empregado.**—Não quero perder o espectáculo da sensação que vae produzir o inesperado apparecimento deste cada-ver ambulante ! Com licença, meus senhores ! (*Sae.*)

## SCENA III

O MANDARIM, O BARÃO, DOUTOR FORTUNA, ALGUNS BURROS MAGROS.

**Mandarim e Barão.**—Que é isto ? (*Doutor Fortuna vae comprimentar o Mandarim e o Barão. Os burros magros descem ao proscenio.*)

## CORO DE BURROS MAGROS

Nós somos os burros magros

Sem cevada nem capim!

(*Rinchando.*) Him ! him ! him ! him ! him ! him !...

Os senhores burros gordos

Fazem-nos viver assim !

Him ! him ! him ! him ! him ! him !...

Mas semelhante existencia

Com certeza vae ter fim.

Him ! him ! him ! him ! him ! him !...

**Doutor Fortuna**, *continuando uma conversa*.—Que querem, meus charos senhores? Como devem saber, tenho sido o advogado das questões mais importantes que se têm agitado no paiz! Os agriões... as carroças... as diligencias... e agora os respectivos burros—são outras tantas flores de minha corôa de juriconsulto!

**Mandarim**.—Então, estes senhores são...?

**Doutor**.—Os burros magros!

**Mandarim**.—Folgo muito em conhecer tão respeitaveis cavalgadasuras! (*Os burros comprimentam.*)

**Barão**.—Eu igualmente.

**Doutor**, *declamando*.—Pois que, senhores! não vos comove a sorte destes infelizes? Não vos abala a injustiça manifesta de que são victimas os meus constituintes? Sois chefes de familia! Sois paes! deveis ter coração! O burro magro é tambem burro! (*Signal de assentimento dos burros.*) Que fazeis vós aos empregados doentes? Daes-lhes licença ou aposentação. Pois bem! aposentae o burro invalido!

**Mandarim**.—Na qualidade de membro da sociedade protectora dos animaes, acho que tem toda a razão.

**Barão**.—Apoiado!

**Doutor**, *continuando, cada vez mais exaltado*.—Possuidous burros magros? *Quid inde?* Dous burros magros valem um burro gordo e mesmo dous, si estes forem pequenos. Já Cicero dizia: *Asini duo magri asinus gordus valere.*

**Mandarim**, *ao Barão*.—Que erudição!

**Barão**.—Um poço!

**Doutor**, *como acima*.—Senhores, é principio corrente em jurisprudencia que *nemo dat quod non habet*. Como quereis, pois, exigir de meus illustres constituintes aquillo que elles não podem dar-vos? Ignoraes que para os serviços burraes é preciso força e que força elles não têm? (*Limpa o suor. Os burros adiantam-se e vêm apertar-lhe a mão.*)

**Mandarim**, *ao Barão*.—O orador é complimentado pelos seus numerosos amigos.

**Cayapó**.—Comprimentemol-o tambem. (*Comprimentam.*)

**Doutor**.—No sentido das idéas expostas vamos requeerer á Camara uma postura. (*Dá o braço a um dos burros e saem repetindo um motivo do côro.*)

**Mandarim**.—Ora queira Deus que elle não dê com os burros n'agua! (*Ao Barão.*) Meu amigo, isto é que é terra! Como aqui se defendem os opprimidos!

**Barão**.—Chi! olhe quem vem alli!

**Mandarim**.—Olympia! Por Bhuda!... Não quero um encontro! Aqui na Camara seria um escandalo!

**Barão**.—Então vamos atraz dos burros!

**Mandarim**.—Vamos! (*Saem.*)



## SCENA IV

OLYMPIA, só

Estava aqui! Fugio-me! Não o conseguirá! Uma prenda daquellas não se encontra a cada passo! Não vae á minha casa com medo da mulher, que fez um segundo e mais terrivel escandalo! E d'ahi quem sabe? Talvez tenha desesperado de obter o que deseja. E' tempo de ceder... Leval-o-hei com-migo! (*Sae.*)

## SCENA V

PEKY, LYRIO.

**Peky.**—Lá vae ella... não nos vio, nem convem que nos veja!

**Lyrio.**—Certamente... do contrario punha-me no olho da rua!

**Peky.**—Si o pilho a geito, verá! corto-lhe o rabicho!

**Lyrio.**—Tem razão! Desde que elle não esteja enrabi-chado, está a senhora como quer!

**Peky.**—Vamos! (*Saem. Forte na orchestra. Mutação.*)

## QUADRO NONO

Sala em casa da Folha Nova. Uma poltrona.

## SCENA PRIMEIRA

o MANDARIM, o BARÃO.

**Barão.**—Vá entrando sem cerimonia; faça de conta que está em sua casa.

**Mandarim, entrando.**—Ninguem!

**Barão.**—Não poderão tardar. D. Folha Nova é muito estimada; é provavel que os seus collegas não deixem de vir comprimental-a no dia de seu anniversario natalicio. (*Sentando-se na unica poltrona.*) Sente-se, senhor Mandarim!

**Mandarim, depois de procurar debalde com os olhos uma cadeira.**—Tenho ainda que assistir ao sarau litterario que é hoje dado em honra ao Coisada.

**Barão.**— E á consequente formação da sociedade de homens de lettras. Eu fui convidado para socio.

**Mandarim.**— O barão?

**Barão.**— Eu, sim! De que se admira?

**Mandarim.**— O senhor não é homem de lettras!

**Barão, erguendo-se formalizado.**— Não sou homem de lettras?! Então que sou?

**Mandarim.** *sentando-se vivamente.*— Quero dizer.... Sente-se, barão!

**Barão.** *depois de procurar debalde uma cadeira.*— Verdade seja que nunca escrevi... sinão á familia; mas porisso mesmo muito se deve esperar de mim: tenho as lettras no choco. Quando começarem a produzir...! (*Com uma idéa.*) Ah! agora me lembro! Já escrevi, sim, senhor!

**Mandarim.**— O que?

**Barão.**— Uma oitava de Camões para a grande edição manuscripta dos *Luziadas*!

**Mandarim.**— Ora adeus! Na tal edição vão figurar muitos sujeitos que a uma oitava de Camões preferem uma oitava de rapé.

**Barão.**— Mas...

**Mandarim.**— A mim parece-me que a tal associação deve ser formada por homens que escrevam. Copiar não é escrever.

**Barão.**— Perdão; a associação admite os individuos que foram litteratos, os que o são, e os que hão de ser; os que o foram sem o serem; os que o são sem o terem sido, e os que o serão sem o serem nem o terem sido.

**Mandarim.**— Comprehando: é uma associação de litteratos passados, presentes e futuros!

**Barão.**— Ah, qui qui! Eu sou um litterato do futuro!

**Mandarim.** *erguendo-se.*— O barão é uma especie de Lohengrin das lettras!

## SCENA II

OS MESMOS, A FOLHA NOVA.

**Folha Nova.** *entrando.*— Uff! Estou cansada! Cansadissima! (*Vendo-os.*) Oh, meu charo Mandarim!... sr. barão...

**Os dous,** *comprimentando.*— Dona Folha Nova...

**Folha Nova.**— Não imagina como é difficil congregar os meus collegas!

**Mandarim.**— Escusado é dizer-lhe que vimos comprimental-a pelo seu feliz anniversario.

**Barão.**— Somos os unicos?

**Folha Nova.**— Não, senhor: ha de vir muita gente.

**Mandarim.**— E é justo que uma senhora que diariamente comprimenta os anniversarios alheios, seja por sua vez comprimentada.

**Folha Nova.**— E' a tal coisa.



## SCENA III

o MANDARIM, o BARÃO, a FOLHA NOVA, a GAZETA DE NOTÍCIAS, depois a GAZETA DA TARDE.

**Gazeta de Notícias.**— Cá estou !

**Folha Nova.**— Sempre pontual! (*Beijam-se e limpam a bocca disfarçadamente.*)

**Gazeta de Notícias.**— A pontualidade é a primeira virtude de uma folha diaria. (*Conversam.*)

**Mandarim, ao Barão.**— Tem sotaque esta senhora !

**Barão.**— Pois si passa a vida a viajar !

**Mandarim.**— Reparou que ambas limpavam os labios depois de se haverem beijado ?

**Barão.**— Pois, olhe, são irmans. Pelo menos por parte de pae.

**Gazeta da Tarde, entrando com impetuosidade.**— Cá estou, minha chara Fo... (*A parte, vendo a Gazeta de Notícias.*) Já cá está esta bixa ? Si eu soubesse, não tinha vindo !

**Gazeta de Notícias, aparte.**— Já fez cara feia ! Rala-te ! (*Puxando a Folha Nova, baixo.*) Peço-te um favor ! á meza não me colloques ao lado desta gaja.

**Gazeta da Tarde, puxando Folha Nova á parte.**— A' meza põe-me o mais longe possivel desta typa !

**Gazeta de Notícias, mesmo jogo de scena.**— Que te estava ella a dizer ?

**Folha Nova.**— Nada ! Fallava do congresso de instrucção...

**Gazeta da Tarde, idem.**— Que te dizia esta serigaita ?

**Folha Nova.**— Nada ! Fallava da extincção da policia secreta...

**Gazeta de Notícias, aparte.**— Sou capaz de jurar que fallava de mim !

**Gazeta da Tarde, aparte.**— A apostar que me mettia as botas !

**Folha Nova.**— Oh, que cabeça a minha ! E' a tal coisa ! Senhor Mandarim, consinta que lhe apresente minha amiga, D. Gazeta de Notícias...

**Mandarim.**— Oh ! minha senhora ! Tenho muito prazer em travar relações com V. Ex... Já de ha muito a conbecia, mas não ligava o nome á pessoa. Como passa D. Philomena Borges, essa interessante senhora, que se acha actualmente alojada no pavimento terreo da casa de V. Ex. ?

**Gazeta de Notícias.**— Perfeitamente, obrigada. (*Offerecendo-lhe um rebuçado, que tira do bolso.*) Ha de permitir que lhe offereça uma bala...

**Mandarim, recuando.**— Uma bala?

**Gazeta de Noticias.**— De estalo. São inoffensivas.

**Barão, aparte.**— Conforme.

**Mandarim.**— Aceito. (*Chupando a bala e fazendo uma careta, aparte.*) Póde ser que seja feita de assucar, mas amarga como fel!

**Folha Nova.**— Deixe-me tambem apresentar-lhe a minha estimada collega, D. Gazeta da Tarde.

**Mandarim, aparte.**— Bem galanté! (*Alto.*) Oh! minha senhora, apesar de saber perfeitamente que V. Ex. gosta mais dos folhetins do Vasques que da immigração chinesa... não posso deixar de saudal-a como a mais esforçada paladina de uma santa causa. (*Comprimentam-se.*)

**Barão.**— Bravos! o Mandarim soltou o verbo!

**Folha Nova.**— Não façam cerimonias. Vou dar algumas voltas e em uma dellas volto já. Senhor Mandarim... senhor de Cayapó... entrem para o meu foyer. Alli encontrarão os topicos do dia, muitos artigos de fundo... mas muitos! —folhetins, noticiarios, etc., que lhes farão matar o tempo.

**Mandarim.**— Aceito. Minhas senhoras, com sua licença... (*Sae com o Barão.*)

**Folha Nova, consigo.**— Se as deixo aqui sosinhas, são capazes de se pegarem! E' a tal coisa! Ora! lá se avenhem! (*Alto.*) Até já, minhas amiguinhas! (*Sae.*)

#### SCENA IV

A GAZETA DE NOTICIAS, a GAZETA DA TARDE, depois o CRUZEIRO.

*As duas Gazetas disputam a poltrona. Senta-se a da Tarde. A outra começa a passear, cantarolando. N'uma das voltas do passeio, a Gazeta da Tarde estende o pé e fal-a escorregar.*

**Gazeta de Noticias, aparte.**— Está me provocando! (*Indo ao encontro do Cruzeiro que entra magro, pallido e cadaverico.*) Adeus, visinho Cruzeiro! Como vae isso?

**Gazeta da Tarde, sempre sentada, aparte.**— Chega o esclavagista! O que vale é que está aqui está morto!

**Cruzeiro, conseguindo fallar com voz muito cavernosa, depois de inauditos esforços.**— Vou indo muito bem... perfeitamente bem... nunca tive tanta saude...

**Gazeta de Noticias.**— Mas está tão abatido...

**Cruzeiro.**— Que tem isso? Logo que nasci, desenganaram-me!

**Gazeta de Noticias.**— Sim, lembra-me que o visinho era muito amarello em pequeno.



**Cruzeiro.**— Mas vou arribando sempre, com o favor de Deus...

**Gazeta da Tarde, aparte.**— E dos fazendeiros.

**Cruzeiro.**—Sinto-me bom, leve e fresco como uma alface ! É que estou sempre a mudar de medicos !

**Gazeta da Tarde, aparte.**— E de opiniões.

**Cruzeiro.**— Dou-me magnificamente com taes mudanças... E si não, ouçam : *(A orchestra toca uma introdução. O Cruzeiro quer cantar, mas, apesar dos esforços, que emprega, não o consegue. Ao regente da orchestra.)* O senhor desculpe a massada... Ficaré para outra occasião. *(Levando a mão á garganta.)* Isto passa... é gosma !

**Gazeta de Noticias, aparte.**—Coitado !

## SCENA V

OS MESMOS, a REVISTA ILLUSTRADA, depois a FOLHA NOVA, o MANDARIM e o BARÃO.

**Revista illustrada, entrando.**—Minhas amigas, salve !

**Gazeta de Noticias.**—Olhem quem é ! *(Entram Folha Nova, Mandarim e Barão.)*

**Revista.**—Sim, sou eu mesmo, de lapis aparado para o que der e vier. *(Enquanto beija a Folha Nova.)* Á mesa não me colloques ao lado daquelle typo. *(Aponta para o Cruzeiro.)*

**O Cruzeiro, á Folha Nova, enquanto a Gazeta de Noticias apresenta o Mandarim á Revista.**—Pelo amor de Deus providencie para que eu á mesa não fique ao pé daquelle lambisgoia ! *(Aponta para a Gazeta da Tarde.)*

**A Gazeta da Tarde, á Folha Nova, enquanto o Mandarim é apresentado ao Cruzeiro.**—Olha que não fico junto áquelle esclavagista !

**Folha Nova.**—E' a tal coisa.

**Mandarim.**—Estão todos os periodicos ?

**Barão.**—Chi ! que esperança ! Nem a quinta parte !

**Cruzeiro.**—Não quero tambem ficar ao pé daquelle malcriadete ! *(Indica a Revista.)*

**Folha Nova, aparte.**—Vou ver-me tonta para collocar esta gente !

**Barão.**—Ahi vêm os jornaes estrangeiros !

## SCENA VI

OS MESMOS, THE RIO-NEWS, LE MESSENGER DU BRÉSIL, LA VOCE DEL POPOLO, DEUTSCHE ZEITUNG, que entram de braço dado.

**Messenger.**— Messieurs et dames, bon jour !

**Rio News.**— Good morning. *(Ao Mandarim.)* How do you do ?

**Deutsche.** — Guten morgen, meine heerrren ; alles ist wohl ? (*Ao Barão.*) Si find vundeuchen ?

**Barão.** — Jonkopings tandsticksfabriks ; yess, monsiu.

**Mandarim.** — Que diabo de lingua *phosphorica* é essa?

**Barão, convencido.** — *Allamão.*

**Messenger.** — On ne me presente pas ? Eh bien ! je me presente moi même !

### COPLAS (\*)

#### I

Messieurs, je suis fils de Voltaire,  
Et viens ici vous saluer ;  
En saluant je voudrais plaire,  
Sans être forcé de parler.  
J'ai tant de choses à vous dire  
Que je n'ose pas m'avancer...  
Encouragez-moi d'un sourire,  
Car je ne sais ou commencer.

Sans malice,

Mon caprice

Est d'affronter tout péril ;

Sans mitraille

On bataille

Au *Messenger du Brésil* !

#### II

Je fais de la philanthropie  
En faveur de la pauvreté ;  
Partout je suis dans ma patrie  
Car partout c'est l'humanité.  
Aux choses de la politique  
J'oppose ma franche gaieté...  
J'aime à la fois la république,  
L'opérette et la liberté.

Sans malice, etc.

**Barão, ao Mandarim.** — Os francezes estão sempre com a carinha n'agua. Boa gente, senhor Mandarim, boa gente !

**Mandarim.** — Os francezes são muito bons ; mas eu prefiro...

**Barão.** — Quem ?

**Mandarim.** — As francezas.

**Barão.** — Maganão ! (*Apresentando-lhe a Voce del Popolo.*) Esta é italiana : la Voce del Popolo !

---

(\*) Estas coplas foram graciosamente escriptas pelo distincto poeta francez Sr. Alberto Thiébaud, a pedido dos auctores do *Mandarim*.



**Mandarim.** *apertando-lhe a mão.*—Cara signora mia !  
Dunque, siete italiana ?

**Voce.**—Sono italiana de nascita, má braziliãna de cuore. Adoro questa bella terra, dove se trova la libertá, la vita...

**Barão.**—Il sabiá !...

**Mandarim.**—Ed il denaro, qui e' quello con que se comprano i melloni.

**Voce.**—Lei vuole che anch'io cante qualche cosa ?

**Mandarim.**—No, madama... grazie !

**Voce.**—Posso cantare. Ho una bella voce !

**Mandarim.**—Já sei : la voce del popolo ! (*O Cruzeiro dá mostraz de incommodado e vae sentar-se na poltrona.*)

## SCENA VI

OS MESMOS, UM MESTRE-ESCOLA DA ROÇA.

**Mestre-escola.** *entrando, trazendo uma machina.*—Com licença de vossa senhoria e perdão de quem me ouve. É aqui que os jornaes está reunido ? (*Todos abafam o riso.*)

**Mandarim.**—São aqui mesmo. Que deseja ?

**Mestre-escola.**—Venho da imposição pedagogica.

**Folha Nova.**—E então ? gostou ?...

**Mestre-escola.**—Ah ! siá dona... nem me falle em semelhante coisa !... Aquillo é uma impusturia !

**Todos.**—Como assim ?

**Mestre-escola.**—Já lhe vou botá tudo nos miudo : sou professô da roça...

**Todos.**—Ah !

**Barão.**—Logo se vê pelo modo de fallá.

**Mestre.**—Não é por me gabá, mas quem quizé serem bom professor, hão de entenderem do riscado como este seu criado. (*Todo ancho.*) Bravo ! que botei um verso !

**Todos.**—Bravo ! Magnifico !...

**Mandarim.**—Não posso perceber porque o deixaram sahir da exposição.

**Messenger.**—Ni moi non plus. Il y devait rester pour toujours !

**Barão.**—Mas console-se, que irá para o Museu Escolar !

**Mestre-escola.**—Qual historia ! Si os homes não quiz uma manica que eu fui botar na imposição, quanto mais o inventor da dita manica.

**Mandarim.**—Uma machina !

**Barão.**—Para explorar mineraes?...

**Mestre-escola.**—Não, senhô: para dá bolo nos vadio e nos madraço! (*Mostrando a machina, que consiste n'uma ferula que roda por meio de uma manivella.*) Aqui está ella!... Quem qué prová?...

**Mandarim, examinando.**—Mas como é o machinismo?

**Mestre-escola.**—Roda-se a manivella e bota-se por baixo da parmatoria a mão dos menino. De cada vez que a parmatoria batê, é um bolo!

**Barão, estendendo a mão.**—Como? assim?...

**Mestre-escola, fazendo a machinx dar-lhe uma palmatoada.**—Sim, senhô!

**Barão.**—Ai! (*Risadas geraes.*)

**Folha Nova.**—Mas, afinal, que pretende o senhor pedagogo?

**Mestre-escola.**—O senhô quê, siá dona?

**Todos.**—Pedagogo?

**Mestre-escola.**—Está bom! não precisam gritarem! Venho protestá por não sê arrecebido na imposição este alimento do porgresso... sim, porque sempre tenho ouvido dizer que o bolo é um alimento!

**Todos.**—Ah! ah! ah! ah!

**Folha Nova.**—Sabem que mais? Deitemos fóra a pontapés este professor estúpido e retrogrado, que não comprehende o alevantado fim a que se destina a benemerita Exposição Pedagogica!

**Todos.**—Apoiado! Apoiado!... Fóra!... Fóra!...

(*Levam todos o Mestre-escola aos empurrões até á esquerda. Quando voltam, encontram o Cruzeiro a agonisar na poltrona. Melodia religiosa, tocada em surdina pela orchestra.*)

**Todos.**—Oh! (*Formam grupo em redor do Cruzeiro.*)

## SCENA VII

o MANDARIM, o BARÃO, a FOLHA NOVA, a GAZETA DE NOTICIAS, a GAZETA DA TARDE, a REVISTA ILUSTRADA, o CRUZEIRO, THE RIO-NEWS, LE MESSAGER DU BRÉSIL, LA VOCE DEL POPOLO, DEUTSCHE ZEITUNG, depois o APOSTOLO, que logo sae com o CRUZEIRO; depois o JORNAL DO COMMERCIO, depois o DIARIO OFFICIAL; e finalmente muitos JORNAES e PERIODICOS.

**Cruzeiro, torcendo-se nas vascas da morte.**—Tenho vida para muito tempo.

**Mandarim.**—Coitado! Não ha por ahi um medico? E' preciso applicar-lhe um sinapismo de annuncios, ou uma cataplasma de publicações a pedido.



**Folha Nova.**—Qual! já não ha remedio que lhe valha!...

**Apostolo,** *entrando solemnemente.*—A paz do Senhor seja comvosco!

**Folha Nova.**—Oh! como vae essa catholica, visinho Apostolo? O Cruzeiro precisa de seus soccorros espirituaes.

**O Apostolo.**—O Cruzeiro? Não creia! Parece que está a morrer, mas não morre. Tem folego de gato...

**Mandarim.**—Mas desta vez parece que é o caso de perguntar: Onde está o gato? Olhe...

**Apostolo,** *chegando-se ao Cruzeiro e recebendo o seu ultimo suspiro.*—Pax domine sit semper vobiscum!

**Todos,** *alegremente.*—Morreu?

**Apostolo.**—Entregou a alma ao Creador!

**Todos.**—Ha mais tempo.

**Apostolo.**—O ultimo dever da religião é enterrar os mortos. Com licença! (*Carrega o Cruzeiro e sae com'elle. Todos os jornaes o acompanham á porta. Ficam no proscenio o Mandarim e o Barão. Cessa a surdina.*)

**Mandarim,** *ao Barão.*—Pois, senhor! nunca vi morte recebida com tanta indifferença!

**Folha Nova,** *dascendo com os outros.*—Ahi vêm os demais collegas! (*Entra o Jornal do Commercio, que se conserva sempre afastado dos outros, com sobranceira.*)

**Barão.**—E' o Jornal do Commercio, o mais velho e mais respeitado dos jornaes.

(*A orchestra executa em surdina alguns compassos de um hymno. Todos se enfileiram e se inclinam ante o Diario Official, que entra vestido á côrte e condecorado, e vae conversar com o Mandarim, que, afinal, adormece, cahindo na poltrona. Comprimentos geraes.*)

**Folha Nova.**—Agora, meus amigos, á meza!

**Todos.**—A' meza!...

### CORO

Vamos aos vinhos e ás iguarias

Que a Folha Nova nos offerece!

Não é de certo todos os dias

Que isto apparece!

(*Sam todos, esquecendo-se do Mandarim, que dorme profundamente na poltrona. A musica conserva-se em surdina até ao forte da mutação. Depois de uma pausa, volta o Barão.*)

### SCENA VIII

o MANDARIM, o BARÃO.

**Barão,** *entrando.*—Então?! O Mandarim ficou?! (*Vendo-o.*) Dormindo! (*Sacudindo-o.*) Sr. Tchín-Tchan-Fó!

**Mandarim,** *erguendo-se estremunhado.*—Heim? heim?...

**Barão.**— Então adormeceu? Ah! agora me lembro... está justificado: conversava com o *Diário Official!* (*Saem. Forte na orchestra. Mutação.*)

### QUADRO DECIMO

A mesma sala do segundo quadro.

### SCENA PRIMEIRA

OLYMPIA, entrando polo braço do MANDARIM.

**Mandarim.**— Pois bem... gosta... gosta... e estamos nisso até agora! Eu, sim; eu é que gosto, e tenho-lhe dado provas positivas, palpáveis... Este bracelete que me custou trezentos mil réis.. esta medalha duzentos e trinta... Este broche...

**Olympia.**— Si lhe parece, atire-me á face todas essas ridicularias, que tenho aceitado unicamente para não fazer desfeita.

**Mandarim.**— Ridicularias que já sobem a um bom par de contos de réis...

**Olympia.**— E quantos pares não vale o meu amor?

**Mandarim.**— Muitos... quando não é platónico...

**Olympia.**— Platónico?

**Mandarim.**— Platão tem, para nós chinezes, muito pouco valor.

**Olympia.**— Quem é esse Platão? Algum amigo seu?...

**Mandarim.**— Não, senhora: era um philosopho grego, uma especie de kerosene inexplorivo de Coral & Cardoso, que estabeleceu idéas muito esquisitas sobre o principio das coisas. Elle é que devia estar aqui em meu logar.

**Olympia.**— Si é rico, apresente-m'o.

**Mandarim.**— Já morreu.

**Olympia.**— A terra lhe seja leve. De que morreu elle?

**Mandarim.**— De inanição...

**Olympia.**— Como havia de soffrer!

**Mandarim.**— Eu, porém, não sou Platão... Compreendendo o amor de um modo diametralmente opposto!

### TANGO

Não comprehendo o amor platónico;

Antes Confucio que Platão;

O fogo, estando ao pé da polvora,

E' natural a combustão.

Não seja má, não seja despota!

Não mais prolongue o meu soffrer,

Si não deseja, ó bella Olympia,

Ver-me a seus pés morrer... morrer! (*Ajoelha-se.*)



**Olympia.**— Pois bem... hoje... logo... depois do espectáculo...

**Mandarim.**— Vês? estou a teus pés beijando-te as mãos... Não transfiras mais a minha ventura!

**Olympia.**— Não; o dito, dito; intransferível ainda que chova!

**Mandarim.**— A minha felicidade está mais demorada que o elevador de Paula Mattos!

## SCENA II

Os MESMOS, PEKY, LYRIO, que se conserva ao fundo.

**Peky**, que tem entrado pé ante pé, armada de uma tesoura, cortando o rabicho do Mandarim.— Hão de permittir que eu não falte á funcção!

**Mandarim.**— Valha-me o deus Vichnú! Minha mulher!

**Peky.**— Aqui tens a minha vingança! (*Mostra-lhe o rabicho.*)

**Mandarim.**—O meu rabicho! Estou deshonorado!

**Olympia.**—Minha senhora, não admitto scenas em minha casa!

**Peky.**— Cale-se! Isto é um negocio de familia; e em negocios taes não se deve intrometter!

**Lyrio**, descendo, ao Mandarim.— Console-se, meu amigo!

**Mandarim.**— Consolar-me! E aquillo? (*Aponta para o rabicho.*)

**Lyrio.**— Tambem já o tive, e fiquei sem elle!

**Mandarim.**—O senhor?

**Lyrio.**— Nasci em Pekim.

**Todos.**— Em Pekim?...

**Lyrio.**— Em 1858.

**Mandarim.**— Em 1858!

**Lyrio.**— Aos seis annos de idade, isto é, em 1864, fui raptado por uns marinheiros francezes.

**Mandarim.**— Bhuda! Que vou ouvir?!

**Peky.**— Por uns marinheiros francezes?!

**Lyrio.**— Que me levaram para França, donde vim para cá!

**Mandarim.**— 1858!

**Peky.**— 1864!

**Mandarim.**— Marinheiros...!

**Peky.**— Francezes!...

**Os dous.**— Diga-nos, mancebo...

**Olympia, aparte.**— Que terão elles?...

**Mandarim.**— Não tem um signal nas costas?

**Lyrio.**— Ignoro, porque não vejo desse lado.

**Peky.**— E chamava-se em pequeno...?

**Lyrio.**— Tchín-Tchan-Fó.

**Mandarim, contente.**— Senhora Peky!

**Peky.**— Senhor Tchín-Tchan-Fó!

**Ambos.**— E' nosso filho !... (*Abraçam Lyrio que está attonito.*)

**Olympia.**— Toca o hymno chinéz!

### TERCETTO

**Mandarim, Lyrio, Peky.**

Que flicidade !  
 Não ha negar :  
 E' na verdade,  
 Na realidade  
 Dita sem par  
 Um filho achar !

**Olympia.**

Pois é seu filho?!

**Lyrio.**

Sim, sou seu filho !  
 Ninguem duvidará...  
 Provada a coisa está !  
 Eu da China para a França  
 Fui ainda bem criança.  
 Arrancado fui sem dó  
 Do poder de Tchín-Tchan-Fó !

**Todos.**

É meu } filho !  
 seu }  
 Quem havia de o dizer ?  
 Vae } ter milho !  
 Vou }  
 Na verdade custa a crer !  
 Oh ! que feliz peralvilho !...

**Lyrio.**

Achamos emfim  
 Um pae mandarim !  
 Vae cessar a quebrad-ira !  
 Vou cabir na pepineira !  
 E' provavel que eu engorde,  
 Pois viver vou como um lord !



**Todos.**

É meu } filho!  
seu }

Quem havia de o dizer? etc.

**Olympia**, *baixo ao Mandarin.*— Veja de que escapámos!

**Mandarin.**— Que! pois elle...

**Olympia.**— E' o meu querido!

**Lyrio**, *triste.*— E o senhor... meu pae e meu rival!

**Mandarin.**— Fallavamos justamente sobre esse assumpto... Roncou a trovoada, mas não chuveu!

**Peky.**— Que dizes? Isso é serio?

**Mandarin.**— Sonhos da mocidade, apenas.

**Lyrio.**— Que ventura! (*A Olympia.*) Queres casar commigo?

**Olympia.**— Pois serias capaz...?

**Lyrio.**— Porque não? Desde que não chuveu...

### SCENA III

OS MESMOS, o BARÃO, depois a ARTE.

**Barão**, *entrando.*— Que vejo! esta harmonia...

**Mandarin.**— Esta harmonia, Barão, quer dizer que perdi o rabicho, mas achei meu filho!

**Barão.**— Como assim?

**Mandarin.**— Conto-lhe tudo em caminho... Vamos ver a exposição de café...

**Todos.**— Vamos! (*Vão a sair. Entra a Arte, que os detem.*)

#### A Arte

À região infinita  
Que a natureza dotou,  
A Arte, della proscripta,  
Hoje, afinal, regressou!

**Todos.**— A Arte!

#### A Arte.

Sou a deusa peregrina  
Que do grande Raphael  
A chamma eterna e divina  
Poz no magico pincel.  
Inspirei Virgilio e Dante,  
Illuminei as nações!  
Fiz de Bellini um gigante,

Fiz um Titan de Camões!  
 Junto a vós, nescios e parvos,  
 Mago instincto me conduz:  
 Venho das trevas tirar-vos as:  
 E dirigir-vos á luz!  
 Vêde! Olhae! A obra prima  
 Que um marinheiro illustrou,  
 Victor Meirelles de Lima  
 Na tela immortalisou!

(Aponta para o fundo. *Mutação.*)

---

**QUADRO UNDECIMO**

Reprodução animada do grande quadro do combate naval do Riachuelo. Fogos cambiantes. A orchestra executa o hymno nacional.

---

À VENDA NA MESMA TYPOGRAPHIA

O

**LIBRETO DA OPERA-COMICA**

**D. JUANITA**

---

**PREÇO 1\$000**